

pararem nas infirmitades a que expunhaõ os Portuguezes. Chegou a Armada a Cabo Verde, e depois de mortos mais de mil homens se incorporáraõ com ella os Castelhanos. Deraõ á vela as duas Armadas unidas, avistáraõ Parnambuco, e entendeu-se, que, se lançáraõ logo gente em terra, effectuariaõ a pouco custo o intento de ganhar o Recife, que levavaõ premeditado, segundo a desattençaõ com que acháraõ os Hollandezes. Patiou a Armada a Bahia, e dilatou se naquella barra tanto tempo, que o tiveraõ os Hollandezes de se prevenir. Quando se fez a vela para Parnambuco, e achou opposta a Armada de Hollanda, e pelejou com ella o Conde da Torre com pouco dãno de ambas as partes. Depois de se dividirem, mandou o Conde lançar em hum porto, chamado do Touro, pouco distante do Recife, mil soldados que governava o Mestre de Campo Luiz Barbalho. Parece que era o intento ganhar porto para desembarcar a mais gente da Armada, porque navegando, como succedeo, para as Indias de Castella, era pouco este cabedal para taõ dilatada conquista. Vendo Luiz Barbalho que, partida a Armada, lhe naõ ficava outro soccorro mais que o da sua industria, animado do seu valor, e da fortaleza invencivel dos seus soldados, se resolveo a superar inconvenientes quasi invenciveis. Abrio caminho pelo Certaõ, rompeo quarteis de Hollandezes, venceo muitas emboscadas, vadeou grandes rios, soffreo fõmes, e continuos assaltos, e conseguiu valerosamente, depois de taõ larga jornada, chegar a Bahia com a maior parte da gente com que sahio de Parnambuco. Ficou governando o Brasil o Conde de Obidos, que exercitava o posto de General da Artilharia, em quanto naõ chegou áquelle Estado o Vice Rey D. Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvaõ. Fez aos Hollandezes em Parnambuco guerra lenta, e sensivel, mandando-lhe continuamente queimar os fructos da Campanha, para que a Companhia Occidental perdendo os interesses, e enfraquecidos os cabedaes, diminuido o poder, ficasse mais facil a restauraçãõ daquella Provincia. Mas todas estas idéas se desvaneceraõ com a felice restituicãõ da Coroa de Portugal a seu legitimo Senhor, que succedeo no Governo do Marquez

quez de Montalvão, como em seu lugar diremos.

Passado o primeiro favor deste obsequio dos Portuguezes, tornaraõ os Ministros Castelhanos a excogitar novas traças de tyrannizallos. Dava com toda a vehemencia calor a esta desornada empreza D. Gaspar de Gusmaõ Conde Duque de Olivares, a quem havia entregue o descuido d'ElRey D. Philippe o pezo do Governo da Monarquia; era entendido, sagaz, eloquente, e resolutivo, tinha por ley a politica, e por doutrina a conservaçã da fortuna, que lograva, ainda que fosse por meios diabolicos, (suspeita, que padeceo a sua opiniaõ.) Governava a Monarquia sem respeitar a estas vozes, taõ absolutamente, que naõ conheceo Hespanha em outro Ministro igual poder, ainda recorrendo aos seculos passados. O desvanecimento da grandeza lhe alterava de sorte o animo, que passava a pretender dos homens naõ só obsequios, senaõ idolatrias, proprias influencias dos espiritos com que tratava, se accaso era certa a opiniaõ, que corria. Achan-do este desordenado intento o maior obstaculo em muitos Portuguezes, em quem costumava imperar o brio isento da fortuna, gerou no seu desconcertado animo esta generosa resoluçã hum odio implacavel contra toda a Naçã Portugueza. Descobrio a sua paixã, ou a sua disgraca, proprio Ministro da vingança, em Diogo Soares Elcristãõ do Conselho da Fazenda em Lisboa, o qual tratado em Madrid pelo Conde Duque, conhecendo o sagaz para enganar, humilde para obedecer, e malicioso para inventar tyrannias contra a sua Patria, lhe deu a occupaçã de Secretario de Estado de Portugal, residindo em Madrid, e por seu correspondente com a mesma occupaçã de Secretario de Estado em Lisboa, a seu sogro, e cunhado Miguel de Vasconcellos, filho de Pedro Barbosa; sendo este taõ aborrecido do Povo de Lisboa por constar, que dava arbitrios a Castella, que lhe apedrejarã a casa, e rompendo lhe as portas salvou a vida fugindo, que veio a perder dentro de poucos dias, naõ constando ategora quem fosse o matador. Era Miguel de Vasconcellos suberbo, e aspero no trato, inimigo da Nobreza, e perseguidor dos iguaes, e inferiores; e era de sorte

Noticia do Conde de Duque.

Elege Diogo Soares Secretario de Estado em Madrid; em Lisboa Miguel de Vasconcellos.

64 PORTUGAL RESTAURADO ;

forte o imperio com que mandava, e tão promptas as execuçoens que fazia, que constituido tyrão da Republica, até as ordens supremas d'ElRey desprezava, fazendo só obedecer as que lhe eraõ convenientes. Entre todas estas tyrannias fluctuava Portugal, não achando mais remedio nos males que padecia, do que as queixas occultas de alguns zelosos, e amantes da Patria, que nem do ar fiavaõ os suspiros, receando o castigo, para que nem este desafogo tivesse a enfermidade. Aquelles a que tocava a occupação de Vice-Reys, ou de Governadores, a qual era dispensada por trez annos, hora a hum só, hora a dous com igual poder; compravaõ os mais delles com danos da República os interesses das suas casas; e os mais attentos a esta desigualdade costumavaõ a ser os escolhidos para o governo. Havia entrado nelle D. Antonio de Ataíde Conde de Castro de Ayro, e Nuno de Mendocça Conde de Val de Reys, quando chegou de Castella hum Decreto d'ElRey, o qual continha, que se juntassem os Trez Estados da Cidade para se lhes communicar hum negocio de grande importancia. Obedeceraõ todos, e juntáraõ se na Igreja de Santo Antonio, presente D. Luiz de Souza Conde do Prado, que assistia ao tomar dos votos, propoz a Ordem d'ElRey, que era pedir quinhentos mil Cruzados ao Reino cada anno, fazendo-lhe mercê de o deixar eleger a qualidade dos effeitos, e a fórma da contribuição. Irritáraõ se os animos de todos os que ouviraõ esta proposta, vendo a tyrannia com que ElRey, sem chamar Cortes, intentava lançar tão consideravel tributo. A confusão com que todos ficáraõ, desfez generosamente D. Francisco de Castel Branco Conde do Sabugal, Meirinho Mor do Reino, respondendo, que elle, e todos os circumstantes com os Vogaes, que faltavaõ, haviaõ jurado guardar os costumes de Portugal, pelos quaes lhes não era licito votar fóra de Cortes em materia similhante. Levantou-se tanto que disse estas palavras, e saio-se da Igreja; seguiu-o a Nobreza, fizeram o mesmo todos os que se acháraõ presentes, vencendo o brio desta acção ao receio de muitos, que temiaõ o mesmo que executavaõ. Daraõ os Governadores contra a Madrid do máo successo da proposta

Propõem-se á Nobreza huma ordem d'ElRey para se assentarem 500 Cruzados.

Acção generosa do Conde do Sabugal.

posta; e de sorte se irritou o Conde Duque, que os fez pagar a culpa, que não tinhaõ, depondo-os do governo, e foy nomeado por Vice-Rey de Portugal D. Joaõ Manoel Arcebispo de Lisboa, que assitia em Madrid, donde sahio a exercitar a sua occupação; porém chegando a Lisboa morreo hydrópico dentro de poucos dias. Trinta e dous, que tardou o provimento de Madrid, ficou governando o Conselho de Estado. Veio nomeado por Vice-Rey D. Diogo de Castro Conde de Basto, que havia sido duas vezes Governador, e grangeado opiniaõ de austero, zeloso, e prudente: durou no governo até o anno de 34, acodindo nos apertos do Reino, e das conquistas como podia, e não como desejava, e os dãos pedião, pela grande esterilidade de effeitos, quasi esgotados com a ambição dos Castelhanos, e arbitrios de alguns Portuguezes. No anno referido desejou o Conde Duque entregar o governo de Portugal a pessoa, que fosse muito interessada na politica de Castella, e não encontrasse os fóros deste Reino: pareceo-lhe ajustado ao seu intento D. Francisco de Borja Principe de Esquilache, por ser descendente de Portuguezes; porém dissuadio-o desta determinação o Duque de Villa-Formosa irmão do Principe, invejoso de o ver preferido, corrompendo ao proprio sangue a peçonha deste vicio: foy a traça de que usou a sua inveja apontar ao Conde Duque de quem era favorecido, (grande fortuna naquelle seculo) para o governo de Portugal a Margarida Duqueza de Mantua, viuva de Vicencio Gonzaga terceiro Duque daquelle Estado, e neta de Philippe II. de Castella, nascendo da Infanta Dona Catharina sua filha, e de Carlos Manoel Duque de Saboia com quem foy casada, ficando por este respeito em grão de prima com irmãa de Philippe IV.

Depõem-se os Governadores

Morre D. Joaõ Manoel eleito Vice-Rey,

Succede D. Diogo de Castro,

Propõem-se a Duqueza de Mantua,

Noticia dos seus successos.

Achava-se a Duqueza em Savia, lançada fora do mesmo Estado, que dominára; porque ficando-lhe por morte de seu marido só huma filha chamada Catharina, que deixou nomeada herdeira de Mantua, e Monferrato, se oppoz á successão da Casa Carlos Gonzaga Duque de Nevers em França, por ser filho de hum irmão de Luiz II. Duque de Mantua, que foy pay de Vicencio; Vitoria

que ficava extincta em Catharina sua filha. Acodio Hespanha a defender o direito de Catharina, e França a favorecer a pretensão de Carlos: Alemanha intentou occupar aquelle Estado como feudo Imperial; e desta competencia se originaraõ as notaveis guerras, que naquelle tempo opprimiraõ Italia, de que foy theatro Lombardia: Depois de varios successos padeceo a maior desgraça a Duqueza Margarida, desterrando'a da propria Casa os que pretendiaõ tyrannizalla. Retirou-se ella a Pavia, e naquelle governo a entreteve ElRey, até que a chamou para o de Portugal, porque o Conde Duque inspirado do Duque de Villa Formosa, sahio com esta eleição sem attender que offendia os foros de Portugal, por ser a Duqueza mulher, e em menos grão de parentesco com ElRey, daquelles que dispunhaõ os privilegios concedidos em Thomar por Philippe II., levando'o a atropelar qualquer difficuldade o desejo de conseguir o tributo dos quinhentos mil cruzados, e a maquina que dispunha para reduzir a Provincia a antiguidade, e grandeza do Reino de Portugal: onde chegou a Duqueza de Mantua no fim do anno de 1634. Entrou em Lisboa, e no mez de Janeiro do anno seguinte tomou posse do governo, continuou-o, assistida do Marquez de la Puebla, que veio de Madrid sem occupação, só para aconselhar a Duqueza nas materias de maior importancia. Mas esta disposição foy sem effeito, porque Miguel de Vasconcellos ordenava sem contradicção, e mandava executar sem dependencia. Forã-se repetindo as ordens de Castella de lançar tributos, querendo o Conde Duque, que com o sangue dos pobres se levantassem as grandes fabricas do Bom Retiro edificio fora de Madrid, traçado pelo seu appetite, e ordenado pela sua lisonja. Dissvellava-se Diogo Soares em lhe satisfazer esta ambição, e propunha-lhe subtilezas, que sonhava o seu disvello; porém ás propostas mal averiguadas, que lhe fazia, se seguiaõ passar o Conde Duque intempestivas ordens de se lançarem em Portugal tributos. Pretendia Miguel de Vasconcellos dar todas á execução, e eraõ muitas vezes taõ encontradas humas a outras, que conhecida a difficuldade do effeito, consistia o remedio dos

He eleita a Duqueza para o governo de Portugal.

Entra em Lisboa.

Assiste lhe o Marquez de la Puebla.

dos Povos no muito, que determinavaõ carregallos de tributos, porque o embaraço fazia suspender as ordens. Afflicto pois Miguel de Valconcellos da confusão, propoz a Diogo Soares, que por atalhar difficuldades se tornasse a pôr em pratica o pedido (como lhe chamavaõ) dos quinhentos mil cruzados. Accõmodou-se o Conde Duque a este parecer, e não se dilataraõ as ordens, instituindo-se para este effeito huma Junta de Ministros, a que deraõ nome de desempenho, independente do governo de Portugal, e só immediata ao Conselho de Madrid, com o fim de que não queressem as partes queixosas recorrer a elles, por lhe não custar mais a jornada, que a sem'razaõ. Os da Junta passaraõ ordens a todos os Corregedores das Comarcas, as quaes continhaõ, que os Povos haviaõ de dar todos os annos a ElRey quinhentos mil cruzados, além das imposições antigas, e que estes se assentassem á satisfacão dos Povos, a quem se vendia por grande mercê dar-lhes a lanceta para esgotarem as veas. Os Corregedores executavaõ com aperto as ordens, e os Povos ouviaõ com impaciencia a sem'razaõ com que dispunhaõ tyrannizallos.

Institue-se em Madrid a Junta do desempenho.

Manda-se executar o tributo.

Era Corregedor de Evora André de Moraes Sarmento, o qual com imprudente zelo determinou, que se lançasse o tributo sem admittir réplica, castigando asperamente os que duvidavaõ obedecer, e constando-lhe, que o Povo se alvoroçava com o seu rigor, accrescentando a este erro maior desacerto, resolveo indiscretamente atalhar o movimento por meios, que não convinhaõ: chamou para este fim a sua casa o Juiz do Povo Cezinando Rodrigues, e a João Barradas seu Escrivão, avaliados do Povo por zeladores da liberdade, e por esta razaõ muito estimados: publicou-se, que o Corregedor os chamava, e juntamente a terçaõ desta ordem, de que se originou juntar-se quantidade de gente á porta do Corregedor: desprezou elle o tumulto, e fez largas oraçoens aos dous, perluadindo-os a que se lançasse o tributo, pediu-lhe o Escrivão tempo para communicar a outras pessoas esta proposta: e o Corregedor mandando fechar as portas não só lhe negou o que pedia, mas trocou os rogos em ameaças.

Alteraçõens de Evora.

ços; e dizendo-lhe os dous, que a sua paixãõ era infructuosa, porque até o reduzillos seria invalido, pois o Povo não consentiria no que elles firmassem violentados, se augmentou a ira do Corregedor com esta beni fundada proposta tão demasiadamente, que depois de soltar desconcertadas palavras contra o Povo, mostrou aos dous os Ministros de justiça, que havia mandado prevenir em sua casa para os enforçar, quando não consentissem no tributo na fórma, e com a brevidade, que elle lhes ordenava. O Juiz do Povo, que era resolutto, vendo-se ameaçado, e o perigo imminente, chegou a huma janella, que cahia para a praça, ondè o Povo estava junto, e pediu-lhe em altas vozes soccorro, dizendo, que morriaõ pela liberdade da patria, e por livrar o Povo das oppressões dos Ministros d'ElRey. A estas palavras mal explicadas entre o rumor, e de todos entendidas pelos antecedentes, toda aquella multidãõ de vozes unidas em huma só voz gritáraõ, que morresse o Corregedor. Seguiu-se em hum instante ao clamor a ira, e á ira a execuçaõ, e ministrando o furor instrumentos, ardendo o Povo em co-lera, ardeo a casa em fogo. O Corregedor arrependido, e medroso, uniaõ que se acha facilmente, conhecido o defacerto, salvou a vida no Convento de S. Francisco, donde passou a Lisboa em habito diffimulado, não conseguindo depois o seu arriscado zelo outro interesse mais, que o de salvar a vida. A furia do Povo não parou com a liberdade do Juiz, e Escrivaõ, antes accendendo-se com a noticia de que o Corregedor era fugido, investiraõ desordenadamente muitas das casas da Cidade, e despejando-as das melhores alfaias, não dando lugar a furia a outra consideraçaõ as queimavaõ na praça, advertindo-se, que podendo com elles mais a ira, que a ambiçaõ, até o ouro, e prata faziaõ materia do incendio, que não houve quem reservasse cousa alguma das que roubava. Os livros Reaes foraõ da mesma sorte condemnados ao fogo, e sem condemnaçaõ soltaraõ da cadeia os prezos, que estavaõ nella; que desta sorte sentença este absoluto Juiz, quando tumultuariamente usurpa o poder.

Assitiaõ neste tempo em Evora com suas familias

lias

Imprudencia do Corregedor.

O Juiz do Povo lhe pede soccorro

Crejce o tumulto, queima-se a casa do Corregedor, e foge de se conhecida.

Queimaõ-se os livros, e soltaõ-se as prezos.

lias D. Francisco de Mello, Marquez de Ferreira, D. Rodrigo seu irmão, D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, o Conde de Basso D. Francisco de Alancastre, e D. Jorge de Mello: estes Fidalgos vendo crescer o tumulto, que no principio estimárao pela causa com que se levantou, mudando com o excessão de parecer, determinárao buscar remedios para o atalhar. Juntaraõ-se a este fim na Freguezia de Santo Antaõ com D. Joaõ Coutinho, Arcebispo daquela Cidade, e resolvendo falar aos principaes do Povo, pedindo-lhes patrocinaassem o socego, persuadindo ao Povo quizesse deixar ao Tribunal da Camera o cuidado da conservaçaõ da Cidade, e da liberdade de seus fóros, pois era a quem só tocava, e que elles se obrigaõ a interceder com El Rey o perdaõ das novidades succedidas. Naõ servio esta proposta mais que de fazer com o Povo suspeitosa a Nobreza: sobreveio a noute quando se intentava divertir esta suspeita; e sendo as sombras melhor incentivo dos insultos, que os medianeiros remedio da inquietaçaõ, se arrojou o Povo ás casas do Arcebispo: porém obrigados da reverencia naõ entrárao dentro, indignamente satisfeitos de tirar com pedras ás janellas, acompanhando-as desconcertadas vozes, que naõ ferem com menos força. Mais atrevidamente procedeo outro tropel com a casa do Conde de Basso, entrando sem respeito dentro do seu patio: o Conde ouvindo o rumor o desfez com muita generosidade; mandou a seus criados acender tochas, sahio á escada aonde ja chegava o Povo, e com a authoridade que inculcavaõ os seus annos, e o seu aspecto, disse em altas vozes: *Povo de Evora, que me quereis? Sou vosso natural, trez vezes governey este Reino sem vos fazer agravo, aqui me tendes: e se para vossa quietaçãõ serve a minha morte, matay-me, e socegay-vos: se quizerdes poupar-me a vida para vos ajudar ao remedio que vos convem, obray como vos parecer, mas naõ vos esqueçais de que sois Portuguezes, onde nunca se conbeco mancha de deslealdade.* Vendo a D. Diogo de Castro, parou a multidãõ confusa, ouvindo-o se retirou arreperdi-da, que a tanto chega o imperio de huma açãõ generosa. Contra os mais Fidalgos naõ intentou o Povo movimento

Procurãõ os Fidalgos aplacar o motim.

Accommette a casa do Arcebispo.

Passãõ á do Conde de Basso.

Reprime o Povo com a sua authoridade.

70 PORTUGAL RESTAURADO;

algun, de que se originou a suspeita de haverem dado calor á sua desordem. As Religioens faziaõ muito por aplacar a inquietaçõ, mas todas as diligencias eraõ sem fructo, porque os do Povo começáraõ a gloriar-se do que emprendiaõ, e juntamente a achar sequito em quasi todos os Lugares da Provincia do Alemtejo, com os quaes se communicavaõ, dando-lhes parte das suas disposiçoens, conforme as intiligencias que conseguiaõ em cada hum delles. A fórma com que se faziaõ obedecer, era, congregando-se os de maior capacidade, ajustavaõ o que lhes parecia mais conveniente, e passando as ordens necessarias, se firmavaõ com o nome de Manoelinho, hum doudo celebre naquella Cidade, entendendo que conseguiaõ neste disfarce naõ correr perigo em qualquer accidente o author do congresso, em quem costuma cahir o maior castigo. Desta fórte mandavaõ; e fixando-se as ordens em varias partes da Cidade, finalavaõ termo á execuçaõ, declarando o castigo que padeceria quem naõ obedecesse; e se passado o prazo naõ eraõ obedecidos, executavaõ sem dilaçãõ a pena imposta. Em algumas materias uzavaõ das ordens da Camera, fazendo passallas por força aos Vereadores. Chegou a Villa Viçosa este movimento, e trocando por aquelles moradores em alvoroço, cobertos alguns com a capa da noite, acclamárõ o Duque de Bragança, D. João II. do nome, e outavõ no titulo, Rey de Portugal: mas como ainda naõ era chegado o termo prescripto de tantos seculos, mandou o Duque sahir na mesma noite pelas ruas ao Duque de Barcellos D. Theodosio seu filho, naõ tendo mais idade que quatro annos: porém resplandecendo no delicado rosto as luzes das grandes virtudes, de que depois se compoz este excellente Principe, foy Iris de ferenidade: recolheo-se deixando socegado o rumor, e livrou a seu pay de cuidado, impossibilitando-o a acodir a este movimento huma grave enfermidade de que estava impedido.

A Duqueza de Mantua fez pouco caso da primeira noticia, que teve da alteraçãõ de Evora, porém repetindo-se os avizos de que os mais Lugares da Provincia de Alemtejo tomavaõ a mesma voz com igual pretexto,

*Communicaõ
se os de Evora
com os lugares
vizinhos.*

*Passaõ as ordens
em nome de Ma-
noelinho.*

*Acclama-se o
Duque em Vil-
la Viçosa.*

*Sahe o Duque de
Barcellos Dom
Theodosio, e so-
cega o Povo.*

*Temores, e dili-
gencias da Du-
queza de Man-
tua.*

e sabendo o successo de Villa-Viçosa, se lhe foy de sorte introduzindo o temor, que não perdoava a diligencia alguma que julgasse adequada a se livrar com o tocego dos povos de tão grande cuidado. Fez a Madrid repetidos avizos, animou a Nobreza de Evora a continuar o zelo de aplacar o Povo, mandou por Corregedor daquella Cidade a Jeronymo Ribeiro, que com grande aceitação do Povo havia tido a mesma occupação nella: ordenou a Fr. Manoel de Macedo Frade de S. Domingos, applaudido pela discrição de seus sermoens, e agradável conversação, que fosse a Evora exercitar o seu genio no pulpito, e no trato: mandou a Fernão Martins Freire, senhor da casa de Bobadella, que fizesse a mesma jornada, com ordem de se introduzir na Junta de S. Antão, por constar que era muito aceito áquelle Povo: porém na Junta não foy admittido, excusando-se os que se achavaõ nella com as ordens que haviaõ recebido de Madrid, nas quaes só se fazia menção dos que acima ficaõ nomeados. Nenhum destes remedios bastou para diminuir aquella enfermidade; cada dia mais arraigada nos animos indurecidos contra o governo de Castella, obstinados pelo antigo odio, e desejosos de mandar por interesse proprio. Reconhecendo-se assim em Madrid, como em Lisboa que era impossivel reduzillos com as negociaçoens, se determináraõ a atalhar o dâno com o castigo; mas até este remedio era difficiltofo, porque em Portugal não havia gente bastante para tanto empenho, e posta esta materia huma vez nas mãos do rigor, eraõ muitas as consequencias que arrastava, e muitos os passos com que se desviava da obediencia. Temiaõ os Portuguezes zelosos, e prudentes, que os Castelhanos se determinassem a reduzir os levantados com armas estrangeiras, por ser hum perigo manifesto de todo o Reino, assim pelas extorçoens dos soldados, que não costumaaõ fazer distincção entre os culpados, e os innocentes, como nos conhecidos intentos dos Castelhanos, que não desprezariaõ a occasião de poder tirar a Portugal a pequena liberdade que a seu pezar ainda lograva: e não se enganavaõ os que faziaõ este discurso, porque era certo que em Madrid se estimava o que em Lisboa se temia: ainda

*Determina-se
em Madrid casti-
gar Evora.*

que alguns Castelhanos receavaõ o dâno na consideraçãõ do valor dos Portuguezes, e desejavaõ antes o socego, que o castigo. Da mesma forte eraõ differentes as opinioens dos Fidalgos de Portugal que assistiaõ em Madrid: porque huns desejavaõ que a inquietaçãõ de Evora fosse torcedor dos seus requerimentos, e por interesse particular appeteciaõ que se augmentasse: outros attentando menos á conveniencia propria que á utilidade da Patria, temiaõ os perigos a que a consideravaõ exposta, se a alteraçãõ se naõ desvanecesse sem se interporem as armas dos Castelhanos, e por este respeito procuravaõ o caminho de socegalla.

Meios do Conde de Duque para o socego.

Ordens à Junta da Nobreza, que se formou em Evora.

O Conde Duque de cujos movimentos estava pendente a vontade d'ElRey, havia tirado o freio á ira, e corria desbocada contra os Portuguezes: porém ainda naquelle tempo era mais nas palavras, que nos effeitos; porque supposto que os ameaços cresciaõ com os avizos de Portugal, tentou todos os medicamentos brandos, primeiro que uzasse dos cauterios. E escrevendo á Junta da Nobreza de S. Antaõ de Evora, animando a todos com muitas palavras (de que era grande mestre) a continuar o zelo que mostravaõ no serviço d'ElRey, dando-lhe juntamente poderes para ajustar os requerimentos do Povo sem dâno da authoridade Real: se bem todas estas ordens eraõ lançadas com muito artificio, tecendo-as com palavras que abriaõ caminho para as derogar, quando o ajustamento lhe naõ satisfizesse: e conhecendo brevemente que este meio era dilatado, tentou outro que o destruía. Achava-se em Madrid Fr. Joaõ de Vasconcellos Religioso da Ordem de S. Domingos, Varaõ ornado de grandes virtudes, de muitas letras, e qualidade: era natural de Evora, onde a casa de seus pays residio muitos annos; juntavaõ-se-lhe a estas circumstancias a de ser seu pay Manoel de Vasconcellos estimado na Corte, e a de servir seu irmaõ Francisco de Vasconcellos Conde de Figueiró de Mórdomo da Rainha de Castella. Vendo o Conde Duque todas estas disposições ajustadas ao seu intento, chamou Fr. Joaõ sem assistencia de outra pessoa, deo-lhe as ordens do que havia de obrar independente de todo outro poder, e mandou-o que partisse

tisse logo para Evora. Obedeceu Frey Joaõ, chegou a Evora, e sem dilacão dispoz o que julgou mais preciso para reduzir os animos daquelle Povo; porém ainda que a sua grande authoridade conseguio serem ouvidas as suas razoes, as dependencias de Castella o fizeraõ com aquelles homens muito suspeitofo, e a severidade de seu trato, em todas as acçoens austero, foy para elles pouco agradavel. Fez Frey Joaõ de palavra sem outra seguranca largas promessas, porque nenhuma trazia por escrito, e até esta liberalidade gerou desconfianca nos amotinados, parecendo-lhes, que, como pouco merecida, seria depois facilmente negada; entendeu-se tambem, que a Junta da Nobreza desajudara as diligencias de Fr. Joaõ, por quanto como elle quiz obrar independente de todos, e por este respeito se desviou de os communicar: queixosos da sua desconfianca não fomentaraõ os seus designios. Chegaraõ a Madrid as novas de todos estes accidentes, de que resultou vir a Frey Joaõ ordem, para que, largando aquella commissaõ, passasse a Lisboa; e outra aos da Junta em que se lhes mandava, que continuassem o poder na fórma, que antes se lhes havia concedido. Em quanto na Corte se alternavaõ as diligencias, não estavaõ ociosos os amotinados. Haviaõ grangeado á sua devoçãõ todos os Lugares de Alemtejo, excepto a Cidade de Elvas, e a Villa de Moura, mas em lugar destas se afeioaraõ ao seu partido as Villas de Santarém, e Abrantes, e outras perto de Lisboa, que por esta vizinhanca deraõ mais receyo; porém introduzindo-lhe alguma Infantaria de presidio foraõ faceis de socegar, e todo o temor dos Castelhanos se empregava em Villa Viçosa, e assim era todo seu cuidado examinar as acçoens do Duque de Bragança, o qual não se fiando da inconstancia do Povo atalhou muitos partidos, que se lhe propuzeraõ, e justificou-se de fórte em Madrid, que publicava o Conde Duque o muito, que El Rey devia á sua grande moderaçãõ, e prudencia. Entendendo o Conde Duque, que todas as suas diligencias lhe sahiaõ baldadas: porque os Povos se mostravaõ tão obstinados, que a todas as propostas não haviaõ respondido outra cousa mais, que o desconcerto de dizerem, que fa-

*Parte a Evora
Frey Joaõ de
Vasconcellos.*

*Retira-se a Lis-
boa.*

riaõ o que pudessem, declarando, que não tornariaõ a admittir os tributos, causa da alteraçãõ; e que de suas livres vontades dariaõ a ElRey o que lhes pareceffe; defacato que o Conde Duque avaliava como a maior culpa, pois se atreviaõ (dizia elle) a quererem capitular com o seu Rey; e considerando, que a dilaçãõ deste defasocego era muito perigosa, podendo os inimigos da Coroa de Castella introduzir negociações com os Povos de Portugal, passou ordem para que marchassem na volta das fronteiras deste Reino as Tropas, que guarneciaõ as Praças de Guepuscua, e Navarra, sendo pouco consideravel a guerra, que por aquella parte faziaõ os Francezes, rota por Luiz XIII pouco tempo antes com Philippe IV, tomando por pretexto assim haverem os Imperiaes ganhado Filisburg, que guarnecia Infantaria Franceza, valendo-se do descuido com que os Francezes estavaõ sem temor da guerra, como tambem a resoluçãõ que o Cardial Infante Dom Fernando tomou de emprender Treveris antes da guerra declarada; e conseguida a empreza, levar a Brucellas prezo o Eleitor de Treveris, agravo que os Francezes publicaraõ em varios Manifestos, e mandando ElRey de França propôr ao Infante a restituicãõ da Praça, e a liberdade do Eleitor, não querendo elle admittir nem huma, nem outra proposta, ficou rota a guerra entre ambas as Coroas. Governava as Armas de Guepuscua, e Navarra D. Francisco Carrasa Duque de Nochera, Italiano, e era seu Mestre de Campo General Diogo Luiz de Oliveira, Portuguez, das principaes Familias deste Reino, que havia occupado muitos Postos no Brasil, e Flandes. Não lhe pareceraõ ao Conde Duque estes fogeitos muito ajustados á empreza, reparando em que hum Italiano não devia castigar Hespanhoes, nem fiar se de hum Portuguez o damno de seus naturaes; e nesta consideraçãõ fez avizo aos dous: ao primeiro, que podia vir á Corte, pretençãõ, que dias antes fomentava: ao segundo, que passasse a Flandes a governar o Castello de Gante. Ambos se acharaõ taõ offendidos, que deraõ causa a virem prezos a Madrid, castigando a tyrãnia do Conde Duque as justas queixas, que não podia remediar. Marcharaõ as Tropas

Passaõ-se ordẽs para marcharẽ a Portugal as Tropas de Castella.

Causas de se rãõ per a guerra entre França.

à ordem do Tenente General Marco Antonio Gandolfo: constavaõ ellas de oito mil Infantes . mal pagos , e peor disciplinados , de que se originou chegarem só trez mil ás fronteiras de Portugal , e de hum Regimento de Dragões, que sendo huns Arcabuzeiros mal montados vindo com este titulo novamente de Alemanha , asombraõ mais com o nome , que com o effeito. Foy a marcha de Biscaia á Provincia de Rioja , della a Campos , donde por Leão entrãraõ na Extremadura , e ficaraõ aquartelados desde Valença de Alcantara até Badajoz. Foy nemeado por General deste Exercito o Duque de Bejar , moço de dezasete annos , com o pretexto de ser o maior Senhor da Extremadura , onde o Exercito se juntava. E sendo a causa verdadeira querer o Conde Duque , que o Cabo daquella guerra apparente se governasse só pela sua direcção , deo-lhe por adjuntos os Mestres de Campo D. João de Graneros , e D. Christovão Boca negra , ambos Conselheiros de Guerra , e por Mestre de Campo General D. Diogo de Cardenas , que o era tambem do Reino de Portugal , e destinou-lhe Badajoz por Praça de Armas. E porque neste tempo se haviaõ ateado as alteraçõens nos Povos do Reino do Algarve , e davaõ maior cuidado , em razaõ dos portos do mar taõ uteis ás Monarquias na paz , como suspeitosos na guerra , se nomeou para acodir ao socego daquella parte o Duque de Medina Sidonia , e o Marquez de Val Paraiso , para lhe assistir sem posto ; e passou-se ordem ao Duque que levantasse em Andaluzia seis mil Infantes , e quinhentos Cavallos.

As noticias destas preparaçoens chegarãõ aos amotinados , e não fizeraõ nelles mais effeito para a prevençãõ , que introduzir-lhes grande receio , consequencia das acçoens onde governaõ muitas vontades ; e de todo se desbaratára o congresso , que tinha sido causa de tantos cuidados , se algumas pessoas particulares , que haviaõ tido parte no primeiro movimento , não fomentaraõ os animos dos populares , temendo que a sua inconstancia quizesse com o sacrificio do seu sangue aplacar a ira do Oraculo offendido , e declarando-os por complices acreditarem o seu arrependimento. A Junta da Nobrezá na

Marchaõ as Tropas ás fronteiras de Portugal.

Nomea-se por General o Duque de Bejar.

Encarrega-se ao Duque de Medina Sidonia o socego do Algarve.

! obser:

observação destes movimentos fundava as esperanças do socego: porém já conheciaõ o maior obstaculo na politica do Conde Duque, o qual havendo examinado as poucas forças desta alteraçãõ, queria tirar della não só a satisfação do gasto, que havia occasionado á Monarquia, mas tributos maiores daquelles, que foraõ occasiãõ do seu desconcerto. Estas idéas forjava Diogo Soares, polia-as o Conde Duque, e vendia-as muito caro Miguel de Vasconcellos; porque estes eraõ todos os cabedaes com que os dous sogro, e genro augmentavaõ os seus interesses: e como o Conde Duque por conseguir maiores intentos, conhecendo esta ambiçãõ a fomentava, durou sem opposiçãõ o poder de Diogo Soares, até que foy nomeado para o Conselho supremo de Portugal D. Miguel de Noronha Conde de Linhares, que havia chegado de ser Vice-Rey da India com grande applauso, merecido do seu valor, e grandeza de animo; e como estas virtudes apartavaõ de si toda a lisonja, tanto que entrou no Conselho se declarou inimigo de Diogo Soares, procurando mostrar sem reboço a demazia do seu procedimento. Diogo Soares vendo em contingencia o grande poder, que exercitava com a opposiçãõ de inimigo taõ poderoso, empenhou toda a sua futilidade em desviar da Corte o Conde de Linhares: porém o intento não era facil de conseguir, porque o Conde Duque fazia grande estimaçãõ das muitas virtudes do Conde. Declarada esta contenda, se dividiram os Portuguezes pretendentes na Corte, seguindo cada hum aquella parte, que facilitava mais o seu requerimento, e alguns, que amavaõ só a reputaçãõ, eraõ parciaes do Conde de Linhares. Fluctuavaõ os negocios de Portugal entre tantas tormentas, e não era menor tempestade a que levantava a cubiça de alguns Portuguezes, que a que fomentava a ambiçãõ dos Castelhanos. O Conde Duque, vendo que eraõ chegadas as Tropas ás fronteiras de Portugal, buscou caminho de suavizar o castigo, que determinava dar aos amotinados, fazendo juizes das suas culpas os Portuguezes, que estavaõ na Corte: para este fim convocou todos a sua casa com taõ grande misterio, e affectando de sorte a cautella, e a recõmendaçãõ do segredo,

Diferenças entre o Conde de Linhares, e Diogo Soares.

Junta em Madrid dos Fidalgos Portuguezes

greço, que os mais livres de culpa receárao o congresso. Foraõ cincoenta os que concoreraõ a casa do Conde Duque para onde os chamaõ: entravaõ nelles alguns Ministros Castelhanos, e assistiõ por Secretarios desta Junta Diogo Soares, e D. Fernando Rodrigues de Contreras Secretario de Guerra de Hespanha; presidia o Conde Duque dentro de huma alcoba, em que costumava dar audiencia. Sentaraõ'le sem preferencia todos os convocados em cadeiras de espaldas, e os Secretarios em assentos razos: leo D. Fernando de Contreras, por se embaraçar Diogo Soares, a quem primeiro se entregou hum Decreto d'El-Rey; a substancia do qual era mostrar a rebelliao dos Povos de Portugal, e perguntar qual seia a melhor forma de socegallos, e que genero de castigo se devia dar ás pessoas que fomentavaõ a perturbação. Lido o papel, fez o Conde Duque final a Joanne Mendes de Tavora Bispo de Portalegre, depois de Coimbra, para que respondesse: o que elle executou em huma concertada oração, que continha agradecimento a El-Rey da clemencia, que usava com aquelles vassallos, os beneficios que todos lhe deviaõ, e o Reino uniformemente confessava: referio os grandes delictos dos amotinados, e exhortou a diligencia do socego, assim no conselho que deviaõ dar a El-Rey, como nos ayizos, que era razaõ fazerem ao Reino, a seus parentes, e amigos. Ditas estas razoens, orou o Conde Duque louvando-as, e exaggerou a summa piedade d'El-Rey, pois esquecido de tantos delictos, como os Povos de Portugal haviaõ commettido, deixava á disposiçaõ da Nobreza o remedio delles: e depois de artificiosos periodos, acrescentou, que sua Magestade mandava, que de tudo o que se ordenasse na redução dos povos, se desse conta ao Duque de Bragança, assim pela sua grande authoridade, como pela moderação, prudencia, e zelo com que havia procedido na occasião presente, de que sua Magestade se achava em summo gráo obrigado. A estas palavras do Conde Duque se seguirãõ grandes applausos, e lições de todos os que estavaõ presentes, que ja com o trato da Corte de Madrid se haviaõ inficionado neste pernicioso vicio. Foraõ eleitos para ir beijar a mão a El-Rey em

em nome de todos o Conde de Linhares, o Bispo de Portalegre, e o Conde de Figueiró; e veio a conseguir a indultria do Conde Duque, que se mostrassem obrigados os que ficavaõ mais offendidos; encaminhando-se todas aquellas politicas á destruição da Nobreza, e á ultima servidaõ dos Povos de Portugal. Todas estas negociaçoens de Madrid sabiaõ os de Evora, e como lhes chegavaõ tambem as noticias de crescer o numero das tropas por todas as partes, a confusão, e o receio lhes aconteljava a concordia. Valia-se a Junta da Nobreza deites accidentes, e procurava por todos os caminhos, que fossem as suas diligencias occasião do socego dos Povos, assim por ser a acção taõ digna de louvor, como de recompensa. Os amotinados ouviraõ as praticas do socego com bom rosto até se chegar ao ponto dos tributos: porém tanto que se falava em haverem de pagar os que El Rey pedia, tornavaõ a obstinar-se, e a desvanecer todas as esperanças de ajustamento util. O Arcebispo D. João Coutinho, entendendo ser esta a occasião de tantos dãos, se offerenceo virtuosamente a pagar da sua renda o excesso que de novo se queria impor á Cidade sobre os antigos direitos, o qual se avaliava em tres contos de reis: da mesma sorte se obrigava o Senado da Camera a pagar dos bens proprios outro novo tributo, com que o Povo ficava livre, e El Rey servido. Aos amotinados não soava mal esta pratica: porém o Conde Duque a quem se propoz, e reparava em que Evora não havia de levar traz li os outros Povos alterados para o socego, como os levára para a perturbação; porque além de ser necessario menos, para seguir hum excesso, que para abraçar hum concordia, não havia nos outros Povos quem pelos alleviar tomasse por sua conta a satisfacção dos tributos, como succedia em Evora. Foy esta questão muito ventilada em Madrid. Ultimamente, entendendo-se que algumas pessoas particulares haviaõ ganhado confiança nos mais dos Lugares alterados, chegou a adiantar-se muito o ajustamento: porém com novo accidente se perturbáraõ todas estas negociaçoens.

Da controversia que corria entre o Conde de Linhares

nhares, e Diogo Soares, se havia levantado o espirito a Joaõ Salgado de Araujo, Abbade de Pera, resolvendo-se a dar capitulos de Diogo Soares, mostrando nelles evidentemente que as suas exorbitancias eraõ occasião de todos os movimentos de Portugal. Entendeo Diogo Soares que o Conde de Linhares animára a resolução do Abbade, e ao passo que lhe cresceo o receio, dispoz a vingança, applicando todo o seu cuidado em negociar apartallo da Corte. Fez espalhar por seus parciaes, que só o Conde de Linhares era capaz de socegar os amotinados, e apontavaõ apparentes razoens de ser este o unico remedio de tanto dâno; as quaes discursadas singelamente, agradavaõ a todos que conheciaõ o valor, e actividade do Conde. Esta pratica ouvio o Conde Duque com bom rosto, e fazendo esta observação Diogo Soares, chegou mais lenha ao incendio: e ultimamente veio a conseguir, que El-Rey persuadido do Conde Duque, mandasse chamar o Conde de Linhares, e que lhe encômendasse, sem admitir replica, no socego de Evora a laude da Patria, dizendo-lhe, que havia conhecido que só elle era capaz desta empreza. O Conde, ainda que entendeo a origem deste preceito, achando se sem poder para a opposição, avalliou por melhor partido a obediencia: beijou a mão a El-Rey pela confiança que fazia do seu zelo, e pediu só para o acompanharem na expedição dos negocios a D. Alvaro de Mello, ao Inquisidor Antonio da Silveira de Menezes, e a D. Francisco Manoel de Mello, que se achava em Madrid assistindo aos negocios do Duque de Bragança, e que além de ter grande talento, como justificação varios livros que compoz, era preciso nesta commissão para conciliar os animos do Duque de Bragança, e Conde de Linhares, de cuja uniaõ suppunha o Conde Duque, que pendia o ajustamento das alterações de Evora. Concederaõ-se-lhe os trez, sem mais titulo que assistir-lhe. Partio-se o Conde, e a poucas jornadas lhe chegou ordem, para que fizesse retirar a Madrid D. Alvaro de Mello, e Antonio da Silveira, e só D. Francisco Manoel continuasse com elle a jornada. Obedeceraõ os dous, e o Conde conheceo ser industria de Diogo Soares divertir-lhe os meios

Capitula o Abbade de Pera de Diogo Soares.

Manda El Rey a Evora o Conde de Linhares.

80 PORTUGAL RESTAURADO ;

meios da execuçaõ , para o fazer complice na infelicidade da empreza : porém não alterou com este accidente a jornada , contiuaou'a até Villa Viçosa , onde se avistou com o Duque de Bragança, havendo-se adiantado D. Francisco Manoel a facilitar os escrupulos , que se podiaõ offerecer no tratamento. Conferiraõ o Duque , e o Conde os remedios mais efficazes de atalhar o dãno que ameaçava á Patria , cujos interesses ambos antepunhaõ a todos os outros respeito; e para este fim seguiu o Duque ao Conde assim assistencia do seu poder , como a obediencia de seus vassallos. Partio-se o Conde para Evora, aonde dias antes havia chegado a noticia da sua commissaõ , entrou na Cidade , e não achou no exterior della apparencia alguma de alteraçãõ , procurando os amotinados satisfazello com esta cautella , persuadidos que a materia presente ficaria ajustada com a promessa do Arcebispo , e Senado. Os da Junta conferiraõ com o Conde os pontos mais importantes , tratando-se no principio com toda a confiança. Caminhou sem contradicçaõ o ajustamento em quanto o Conde não declarou a forma em que ElRey queria aceitar a obediencia dos Povos. Dizia a ordem d'ElRey , forjada na extravagancia do Conde Duque , e approvada pela malicia de Diogo Soares , que de cada hum dos Lugares inquietos fossem presentár-se na Corte os dous Magistrados populares Juiz, e Procurador, os quaes tanto que estivessem juntos, se vestiriaõ de sacco , e com cordas ao peçoço entrariaõ em publica Audiencia , a pedir a ElRey perdaõ pelos seus Povos ; e que ElRey os estaria esperando em trono levantado , assistido dos Embaixadores , e de toda a Nobreza da Corte , á imitaçaõ dos Imperadores Romanos ; e que com isto se conseguiria que as naçoens inimigas da Coroa , que haviaõ com grande gosto ouvido a soblevaçãõ dos Povos de Portugal , foubessem o seu arrependimento. Tanto que foy publica esta ordem , entenderaõ os de melhor discurso , que o Conde Duque queria juntar as cabeças dos culpados em Madrid com este pretexto , para que pagassem com as vidas os excessos commettidos. Porém sem embargo deste bem fundado juizo , pode tanto a industria do Conde de Linhares, ou (como

*Extravagante
proposta aos Po-
vos de Portugal.*

se deve entender) a sua credulidade, que promettendo por penhor das vidas dos que fossem a Madrid a sua pessoa, conseguiu darem-lhe palavra (ezinando, e Barradas, que eraõ os dous de Evora, que vinhaõ nomeados, de que hiriaõ a Madrid se os outros Povos concordassem em que os seus Magistrados fizessem a jornada. O Conde tanto que alcançou esta promessa avizou todos os mais Lugares, para que com o exemplo de Evora naõ duvidassem de obedecer ao preceito d'ElRey ordenando, que viessem todos os Magistrados áquella Cidade, para que juntos partissem para Madrid á ordem de D. Francisco Manoel, que ElRey havia destinado para seu Conductor. Os dias que o Conde litigou esta materia com os outros Povos, fizeram os de Evora infructuosos, mudando de parecer, ou arrependidos do que prometteraõ, ou aconselhados dos que lhe vaticinavaõ o perigo. Deliberados em naõ arriscar as vidas na jornada de Madrid, foraõ a casa do Conde de Linhares, e com apparentes submissõens lhe disseraõ, que lhes perdoasse naõ poderem pôr por obra a palavra, que lhes haviaõ dado, porque o Povo, a cuja ordem estavaõ entregues, naõ queria consentir que fizessem aquella jornada. Alterou este accidente todas as disposiçoens, que a tanto custo se haviaõ conseguido, e incitou de sorte a colera do Conde de Linhares, (materia que na sua condiçaõ estava sempre disposta a menores incentivos) que rompeo furioso em desconcertadas vozes naõ só contra o Povo, senaõ tambem contra a Nobreza; e tendo por testemunhas alguns dos da Junta de Santo Antaõ, a poucos lances levou a ira, como costuma, todo o tratado ao precipicio: mandou sahir de sua casa os do Povo, dizendo-lhe, que ou se apparelhassem para a jornada, ou para o castigo: sahiraõ-se os dous, e fundando na perturbaçaõ a propria defenza, tornaraõ de sorte a indignar os da sua parcialidade, que publicavaõ, que se o Conde se naõ sahissem de Evora, elles o lançariaõ. A estas vozes juntaõ demonstraçoens de execuçaõ, naõ sem suspeita de ser a Nobreza a alma destes impulsos. Reconhecendo o Conde de Linhares todas as diligencias desbaratadas, se resolveo a prevenir maior damno, e atalhar novas desor-

*Effeitos da ira
do Conde de Lin
nhares.*

dens. Despedio D. Francisco Manoel á Corte, dando conta do máo successo da sua commissão, e moderosamente das causas porque a deixava, e se partia para Lisboa, como logo fez muito á satisfação dos moradores de Evora, e de todo teve nelle fim a intervenção deste negocio, logrando Diogo Soares como desejava o effeito da sua maliciosa industria. E ainda que o Conde de Linhares voltou a Madrid antes da Acclamação, nunca pôde livrar-se das calumnias de Diogo Soares, que o reduzirão a padecer hum largo desterró em Torrezilhas, lugar apartado da Corte. D. Francisco Manoel chegou a Madrid, e deu noticia ao Conde Duque de todo o successo da sua jornada: ouvio elle a informação com mais apparente, que interior pezar, e deo sem dilação ordem, para que o castigo fosse remedio do tumulto, e o tumulto occasião da ultima ruina de Portugal.

*Parte a Evora
o Corregedor da
Corte Diogo Fer-
nandes Salema.*

Avizou-se á Duqueza de Mantua, que mandasse a Evora o Corregedor da Corte Diogo Fernandes Salema com todos os Ministros de Justiça, que parecessem necessários. Executou-se esta ordem sem embaraço, porque o calor das armas vizinhas tirava o receio aos Ministros de Justiça. Logo que chegaraõ a Evora experimentaraõ sem contradicção esta confiança; porque os populares, que não sabem reconhecer os perigos com o discurso, fiando sempre do tempo as prevenções, que devem ser parto do entendimento dos homens, iem mais conselho nem attenção, que o receio, se dividiraõ. Cezinando Rodrigues, e João Barradas, e outros se autentaraõ: os mais fiados em serem pouco conhecidos, ficáraõ por mal de alguns delles, porque o Corregedor da Corte os prendeo, e sentenciando a todos, sahiraõ a enforcar em estatua Cezinando, e Barradas com pregões, que os declaravaõ por traidores, promettendo-se premios a quem vivos, ou mortos os entregasse nas mãos da justiça; os mais prezos huns foraõ enforcados, outros lançados a galés, e todos com este exemplo ficáraõ socegados, e obedientes. Ao mesmo tempo, que em Evora, se executou na mesma fórma o castigo dos Povos do Algarve; porém com muito maior rigor, porque tanto que chegou áquelle Reino Pedro Viei-

*Castigãõ se os
de Evora.*

ra da Silva Desembargador dos Aggravos da Casa da Supplicação, ajuntou o Duque de Medina Sidonia com Henrique Correa da Silva Governador daquelle Reino, que para que o castigo dos culpados se executasse sem perigo dos Ministros de justiça, passasse a alojar alguma Infantaria aos lugares maiores d'elle; assim se poz por obra conduzindo seis mil Infantes D. Francisco de Andia e Fracaval, que sem formar processos foraõ os mais rigorosos Ministros do castigo assim nos culpados como, nos innocentes. Pedro Vieira executou sentenças de morte em alguns, outros desterrou; e locegado aquelle Reino, se retirou a Infantaria contra o parecer do Marquez de Val-Paraiso, que desejava dilatar a guarnição por mais tempo, por varios respeitos que apontava, que depois pudera ser muito conveniente ao governo de Castella. Com o pretexto de dar melhor fórma aos accidentaes referidos, havia o Conde Duque instituido huma Junta de varios Ministros Castelhanos em Badajoz, outra em Aya Monte: e a estas ampliava de forte os poderes, que ficavaõ sem exercicio os Tribunaes de Portugal, querendo que o costume facilitasse aos Portuguezes a quebra dos seus privilegios, que com esta destreza se hiaõ diminuindo, para que pouco a pouco viesse ElRey a lograr o fim desejado, que era fazer Portugal de Reino Provincia, e aos Portuguezes de vassallos eicrivos. A estas Juntas se mandou ordem para assentarem os novos tributos que haviaõ de ser castigo dos Povos, e satisfação da cubiça dos Ministros Castelhanos. Lançadas estas primeiras linhas, se começáraõ a esgotar os cabedaes de Portugal, para que, exhaustas as veas, e consequentemente enfraquecido o corpo da Republica, pudesse cahir com menos trabalho, sendo o dinheiro o sangue, que sustenta o governo politico por ley instituida pela desordenada ambição dos homens. Foy este o primeiro quartel com que se atacou Portugal, e d'elle para outros dous sahiraõ duas linhas de comunicação, determinando o Conde Duque Governador desta empreza, que depois de assentados os quarteis, e o cordaõ cerrado, se desse o ultimo assalto a este infelice Reino, não defendido de outras forças mais que as da in-

Castigaõ-se os do Algarve.

Instituição de novas Juntas em Badajoz, e Aya Monte.

nocencia com que padecia. Era o primeiro dos dous chamar ElRey a Madrid as pessoas maiores de Portugal a fim em sangue, como em letras, ecclesiasticas, e seculares, para que, faltando o espirito para os impulsos, se pudesse sepultar cadaver o corpo da Republica. O segundo, passarem-se ordens com o pretexto da guerra de França, para se fazerem em todas as Provincias deste Reino grossas levas de Cavallaria, e Infantaria: e executadas estas disposições, julgava o Conde Duque por indubitavel a victoria, tirando a Portugal (que contava como inimigo) dinheiro, cabos, e gente. Lograda a primeira idéa dos tributos com as revoluções de Évora, passou á segunda: examinou exactamente quais eraõ as pessoas de maior credito em Portugal, e que houvessem, sendo chamadas; de ir a Madrid sem receio de algum castigo. Feita esta diligencia, e suppondo o Conde Duque que dissimulava muito a sua tenção com esta arte, como se os outros excessos a não fizeraõ manifesta, remetteo varias cartas d'ElRey á Duqueza de Mantua, ordenando-lhe que as reparatisse logo. Sem dilação se entregáraõ a D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, a D. Sebastião de Matos de Noronha Arcebispo Primaz, a D. João Coutinho Arcebispo de Évora, a D. Gaspar do Rego da Fonseca Bispo do Porto, a D. Diogo da Silva Conde de Portalegre, Diogo Lopes de Souza Conde de Miranda, D. Martinho Mascarenhas Conde de Santa Cruz, D. Francisco de Castelbranco Conde do Sabugal, D. Francisco Luiz de Alencastre Cômendador mór de Aviz, Francisco Leitaõ Desembargador dos Aggravos, João Pinheiro Desembargador do Paço, e aos Padres Sebastião do Couto, Alvaro Pires Pacheco, e Gaspar Correa da Companhia de Jesus; porém dos tres só o ultimo chegou a Madrid. Continhaõ as cartas escritas a estes Prelados, Ministros, e Religiosos que Sua Magestade desejava de dar fórma a algumas materias que na administração do Reino necessitavaõ de emenda em todos os Tribunaes, queria formar hum Conselho junto de sua Real pessoa, dos maiores Ministros, e mais Praticos de Portugal, para entender delles, como de talentos que tanto estimava, quaes feiaõ os meios mais proporcionados

*Chama ElRey
a Madrid os
Prelados, e Nobres.*

cionados ao melhoramento, que se pretendia, para cujo effeito tanto que recebessem aquella carta, se partissem para a Corte de Madrid, onde os esperava com todo o affecto de Principe amigo.

Recebidas as cartas, se puzeraõ a caminho todos os nomeados na fórma, que se lhes ordenava, correndo o anno de 1638, e com esta novidade taõ extraordinaria creceo aos Portuguezes o receio, esperando cada hum a hora em que havia de ser chamado, e temendo todos juitamente o infelice remate desta máquina. Os que chegaraõ a Madrid naõ tiveraõ muitos dias mais ordem, que seguir a Corte, nem puderaõ descobrir qual fosse o negocio para que eraõ convocados. Foy a causa desta artificiosa dilaçaõ assim o grande aperto, que por varias partes tolerava a Monarquia, como querer o Conde Duque tirar de Portugal mais numero de pessoas particulares; o que determinava fazer tanto que tivessem effeito as levas, que haviaõ de sair de todo o Reino; e ainda havia outra causa mais principal, que era como se poderia apartar d'elle ao Duque de Bragança, por dar sua Real Pessoa o maior exercicio ao seu cuidado; porque considerava, que assistindo em Portugal, parecia grande o perigo de qualquer execuçaõ violenta, se o Duque se declarasse defensor da liberdade do Reino; e como os Portuguezes se faziaõ respeitar mais pelo valor, que pela industria, seguia como mais facil o caminho de diminuillos, para que quando chegasse o tempo de exasperallos, fosse infructuosa qualquer resoluçaõ a que se arrojassem. Neste sentido esperando-se tempo mais opportuno, se foraõ dissimuladamente seguindo as disposições propostas. Deo-se ordem a D. Affonso de Lencastre Marquez de Porto Seguro, para que fizesse em Lisboa huma leva de Cavallaria, sem lhe limitar o numero, e a todas as Comarcas do Reino, e ás Ilhas dos Açores se mandáraõ varios Fidalgos levantar gente em grande quantidade, tomando-se por pretexto acodir á guerra de França. Mandou-se tambem, que os navios de guerra, que se achassem nos portos do Reino, fossem entregues á ordem do Almirante D. Thomaz de Cauburum. Levou os galeões Santa Theresa, e S. Balthazar,

Procurd-se tirar do Reino o Duque.

Mandaõ-se fazer levas para a guerra de França em Portugal.

thazar, os mais se ficaraõ prevenindo; e ao Duque de Bragança chegou ordem, que tirasse dos seus Lugares mil Vassallos armados, e que os entregasse a D. Antonio Tello. Chegando avizo ao Conde Duque de que se davaõ em Portugal todas as ordens á execuçaõ, sem haver quem tivesse animo para contradizellas, e parecendo-lhe que ja a sua industria havia triunfado dos alentados espiritos dos Portuguezes ordenou, que a huma mesma hora fossem a casa de varios Ministros Castelhanos todos os Portuguezes, que haviaõ sido chamados á Corte, para que sem se communicarem acodisse cada hum á casa do Ministro apontado, pondo-se graves penas ao que revelasse o segredo. Mas logo se entendeu o intento de tantos artificios, e dentro de pouco tempo se manifestou, que fora a proposta ler-se a cada hum daquelles Ministros Portuguezes a sentença por onde o Reino de Portugal, sem ser ouvido, era condemnado a perder a regalia, dando-se ElRey por livre do juramento que fizera nas Cortes, pelo haver desobrigado a perfidia Portugueza, como elles chamavaõ, apontando casos suppostos, e dizendo, que os seus Theologos, e Juristas o livravaõ de todo o escrupulo: porẽm que ainda com este fundamento naõ queria ElRey fazer acçaõ, que naõ fosse justificada, e que assim pedia a cada hum daquelles Ministros seu parecer, para a fórma em que se havia de introduzir o novo Governo de Portugal, e como se poderiaõ sem embaraço promulgar as novas leys, com as quaes determinava ser obedecido dos Portuguezes, advertindo se, que se naõ pedia parecer, mais que para a fórma de executar. Esta foy a proposta, e esta causa só bastára para justificar as acçoens dos Portuguezes, ainda que naõ fõra o fim principal de se eximirem do governo de Castella, livrarem-se do escrupulo de serem vassallos de possuidor intruso, tendo em o Duque de Bragança Senhor verdadeiro, e natural; porque havendo Philippe II desobrigado os Portuguezes de toda a sujeiçaõ á sua Coroa, se elle, ou seus descendentes quebrantassem os fóros deste Reino, ainda dando-se caso, que Philippe IV fosse legitimo possuidor de Portugal, sem escrupulo algum por esta resoluçaõ puderaõ os Portuguezes negar-lhe a obediencia,

*Proposta em
Madrid aos Mi-
nistros Portu-
guezes.*

diencia, pois eraõ culpas suppostas todas, as que o Conde Duque lhes arguia, a fim de lhes usurpar a liberdade: porque as alterações de Evora origináraõ-se de tributos injustos, e além de não entrarem nellas mais, que as pessoas de baixa condiçaõ, destas foraõ castigadas as de maiores delictos, que se acharaõ, com mortes, galés, e degredos, e depois com gravissimos tributos; e não merecia todo o Reino a pena da culpa, que não tivera, e que os delinquentes pagáraõ. E quando esta resolução não fora injusta, era intempestiva, pois mostrar a ferida, sem executar o golpe, he dar lugar ao reparo. Porque ainda que o Conde Duque se fiava na Armada, de que era Cabo D. Antonio de Oquendo, que tinha ordem para invernar em Lisboa, e ao calor deste poder se havia de introduzir em Portugal o novo governo, as prevenções humanas são tão incertas, que primeiro foy esta poderosa Armada despojo de Hollanda no Canal de Inglaterra, que castigo de Portugal no rio de Lisboa; e o segredo tão recommendado foy manifesto, obrigando aos Portuguezes, que acordassem do lethargo em que viviaõ, tendo, para se livrar do perigo que os ameaçava, o favor do mesmo tempo de que o Conde Duque queria dispôr, como se os futuros não foraõ tão contingentes para o seu poder, como para qualquer dos que sahem a passear á inconstancia do theatro do Mundo.

Tomada pelo Conde Duque a resolução referida, e não lhe respondendo os Portuguezes que consultou, mais que com excusas, fundadas no pouco poder que tinhaõ para tratar particularmente tão importante materia, fez correr sem dissimulaçaõ as ordens mais injustas contra Portugal, não havendo a hum mesmo tempo ley, que se não rompesse, privilegio, que se não quebrasse, extorçaõ, que se não fizesse; chegando a tanto extremo a violencia, que se não perdoou á immuniidade Ecclesiastica, porque offerrecendo-se algumas duvidas entre o Colleiitor Alexandre Castracani, e os Ministros da Coroa, ordenáraõ os Castelhanos aos de Justiça, que lhe cercassem a casa, e lhe prohibissem o trato, e o sustento. Vendõ-se o Colleiitor nesta extremidade, se lançou com grande perigo por huma janela,

*Excessos contra
o Colleiitor.*

nella, e se recolheu no Convento de S. Francisco, parte de que o foraõ tirar, e o remetteraõ prezo a Madrid, deixando elle a Portugal com a afflicçaõ de hum Interdicto, de que se seguirãõ gravissimos damnos. Igualmente com a successãõ dos dias se multiplicavaõ as exorbitancias; porém ao passo do damno caminhava nos Portuguezes o desejo do remedio, e do excessõ dos males recebiaõ o beneficio de lhes apartar dos animos o receio; porque em quanto foraõ toleraveis, nem do proprio coração fiavaõ o delafogo, e tanto que passaraõ a exorbitantes, conhecendo que o castigo futuro naõ podia ser maior, que o mal presente logo o coração se explicou pela boca, e como as vozes, e as queixas se communicaraõ, discursado o tempo conhecido o risco, e averiguado o opprobrio, passaraõ os zelosos da Patria, e amantes da honra, de lastimados a vigorosos; e achando o valor de cada hum dos Portuguezes, forçosos estimulos nos aggravos da Naçaõ tantas vezes offendida, que ouvia referir a qualquer dos com que tratava, recorrendo juntamente, e ponderando as valerosas acçoens de seos antepassados, offerencia voluntariamente a vida pela liberdade da Patria; porém todos estes discursos, ainda que valerosos, e resolutos, naõ podiaõ passar do sentimento á execuçaõ; porque a lima da politica do Conde Duque havia adelgado de sorte o robusto aço das forças de Portugal, que se naõ recorria a remedio algum, que bem ponderado, naõ se achasse ou impossivel; ou taõ difficultoso, que era quasi impraticavel.

*Considerações
dos Portuguezes
mais zelosos.*

Entre todos os discursos nenhum se achava de mais seguras esperanças, que aquellas que se fundavaõ no Duque de Bragança, vendo todos concorrer nelle justiça para se coroar, valor para o emprender, e afeicãõ nos Povos para lhe sustentar a Coroa, huma das mais precisas circumstancias de taõ arduas emprezas; mas observava-se por outra parte, que o Duque naõ descobria outra inclinaçaõ mais, que o exercicio da caça, que nas alterações de Evora naõ só desprezara as offertas, que repetidamente lhe fizeraõ os Povos, persuadindo-o muitos da Nobreza, que as aceitasse, mas que usara de todas as diligencias, e negociações para justificar com ElRey a sua

sua obediencia, e que assim não parecia seguro offerecer-lhe o que não havia de aceitar. Quando estas duvidas embaraçavaõ o discurso, recorriaõ huns a chamar seu irmão D. Duarte composto de excellentes virtudes, em quem reconheciam espiritos militares que abraçãõ facilmente empresas difficultosas, e com a mesma justiça á successãõ do Reino, quando o Duque a dimitisse. Outros queriam formar huma Republica, trazendo por exemplo Veneza, Genova, e Hollanda, onde, sendo as utilidades commuas, e os riscos iguaes, se conserva a uniaõ incontrastavel. Porém huma, e outra idea padecia forçosas duvidas: porque a primeira mostrava o maior obstaculo no Duque de Bragança, que não havia de querer que visse o mundo que cedia a seu irmão, ou que não tinha animo para emprender, ainda que se desse caso que desprezasse empreza tão generosa. Na segunda se considerava a differença das naçoens, e o defeito que os Portuguezes padecem na difficultade da uniaõ, sentindo ordinariamente, mais que a desgraça propria, a fortuna alheia desconcerto que totalmente destróe todos os fins de huma Republica. Nesta contenda estavaõ os discursos dos Portuguezes sem poder tomar fórma, crescendo com os apertos do Conde Duque por instantes a materia, quando chegou ordem ao Duque de Bragança, entrando o anno de 1639 para que com o titulo de Governador das Armas de todo o Reino passasse a Almada a prevenir a defenſa d'elle, por se haver entendido que em França se apparelhava huma grossa Armada contra Portugal. O Duque discursando que se lhe seguiriam grandes inconvenientes desta occupação, tratou de divertilla, não perdoando por conseguir este fim a diligencia alguma: porém não admittiram em Castella as muitas excusas que representou, e foy-lhe preciso aceitar o posto, e passar a Almada. Julgaram muitos por desacerto do Conde Duque esta eleição, dizendo que entregar as armas ao que avaliava aquella Coroa pelo maior inimigo, era querer segurar-lhe a victoria, antes de ter principio a contenda; e que o Duque com os espiritos vigorosos das vozes que o acclamaram Rey nas alteraçõens de Evora, disporia as armas do Reino como lhe mandavam, para usar dellas

Nomea-se o Duque por General das Armas.

Passa a Almada.

Discursos sobre esta eleição.

dellas como lhe parecesse. Outros que presumião penetrar melhor interior das futilidades do Conde Duque, diziaõ que esta confiança que fazia do Duque, era negação para o trazer mais depressa enganado à rede, armada pela sua industria, e só maneada pelo seu braço; que o Duque servindo a ElRey, mostrava que era vassallo aos Portuguezes, que o julgavaõ por Soberano: tendo diminuir a reputação de hum Principe o primeiro passo da sua ruina: que pela obrigação de seu posto havia de visitar as torres, e os navios da Armada, e que era facil prendello entrando em qualquer torre, ou passallo, em o primeiro navio que visitasse, a Cadiz, onde perderia, quando não fosse a vida, a liberdade. Averiguou-se depois não haver duvida em ser esta a tenção do Conde Duque, e a causa de fazer Governador das Armas ao Duque de Bragança: porém o successo mostrou, que o primeiro discurso que o condemnava, acertára melhor os fins, do que elle dispuzera os principios: porque o Duque tanto que chegou a Almada, foy visitado de toda a Nobreza, e muitos se resolvèraõ a descobrir-lhe o animo, com que se dedicavaõ a seu serviço; outros a tentallo querendo especular o seu intento: porém o Duque não conhecendo os de que devia fiar-se, fondava os coraçõens de todos sem se declarar com algum delles: e ainda que esta destreza foy naquele tempo contada como irresolução, depois foy celebrada como grande prudencia; porque como os homens avaliaõ ordinariamente só pelo que entendem, e não como aquelles com que trataõ, se acautelaõ, estes Fidalgos que entregavaõ ao arbitrio do Duque os animos sem malicia, condemnavaõ-lhe não os aceitar sem reparo, como se as razões com que se lhe offerenciaõ não fossem as mesmas que muitas vezes servem de rebuço ao falso trato. Passou o Duque de Almada a Lisboa a visitar a Duqueza de Mantua, desembarcou no Paço, dilatou-se pouco na visita, e havendo ordenado a Duqueza que com destreza se lhe mudasse a Cadeira de espaldas, quando se asentava, do lugar que lhe competia, Thomé de Sousa com resolução; e valor arrojou a Cadeira para a parte em que era razão que estivesse. Voltou o Duque para Almada na mesma

Visita a Duqueza de Mantua.

tarde. Concorreo toda a Corte, huns a assistir-lhe, outros a vello, e todos a festejallo com taõ claras demonstraçoẽs a todas as luzes, que fizeraõ mais condẽnada a resoluçaõ do Conde Duque, que todos os afeiçoados aos interelles de Castella haviaõ anticipadamente reprovado. Na entrada do Inverno se recolheo o Duque a Villa Viçosa livre dos laços dos Castelhanos, porque advertido de seguras inteligencias se desviou dos perigos que o ameaçavaõ. Naõ passáraõ muitos dias depois de haver chegado, que lhe naõ viesse ordem de Madrid, para fazer huma leva de soldados de teos Lugares. Replicou levemente pelo pouco effeito que havia tido a primeira ordem, succedendo o mesmo em todas as levadas que se fizeraõ no Reino, ainda que algumas chegáraõ a Catalunha. Com esta attençãõ naõ lhe admittindo El Rey a replica, se dispoz o Duque a obedecer por naõ dar ao Conde Duque a occasiãõ que buscava de o condẽnar; porẽm mandou occultamente que a leva se fizesse com tanta pauza, que naõ servisse a diligencia mais que de o naõ arguïrem.

Em Lisboa os que fundavaõ na resoluçaõ do Duque a liberdade da Patria, perdẽraõ muito o animo com a cautela de que usou em Almada, divertindo todas as praticas que se encaminhavaõ a coroallo. Este sentimento levou outra vez os discursos a Alemanha, esperando do valor de D. Duarte a assistencia no que emprendiaõ: porẽm como perigo estava mais vizinho que as esperanças, tornáraõ a fazer novas instancias ao Duque de Bragança. Hum dos que mais vivamente as apertava era Francisco de Mello Monteiro mór: escrevia a D. Francisco de Mello Marquez de Ferreira, e a D. Affonso de Portugal Conde do Vimioso, pedindo a hum, e outro que representassem ao Duque as molestias que padeciaõ os Portuguezes, que de justiça naceraõ seos vassallos; que tomasse a Coroa que voluntariamente lhe offerenciaõ, pois era a mesma que os Castelhanos roubáraõ a seos Avós; que a esta offensa se naõ devia antepor perigo algum, e que este se devia ter por muito remoto na consideraçaõ de se acharem os Castelhanos com o poder dividido por muitas partes, e que neste sentido nunca o tempo podia ser

*Diligencias do
Monteiro mór.*

para

92 PORTUGAL RESTAURADO;

*Primeira Jun-
ta da Nobreza.*

para a resolução mais opportuno. Chegavaõ estas razoens ao Duque, e outras da mesma substancia tambem encaminhadas ao Marquez de Ferreira, e ao Conde da Vimio- so por Jorge de Mello irmão do Monteiro mór, casa em que se juntavaõ Dom Miguel de Almeida, Pedro de Men- doça Furtado, e Dom Antaõ de Almada a conferirem o caminho que seguiriaõ para se apartarem dos perigos que os ameaçavaõ. Recebia o Duque estes avizos, e como re- conhecia o muito que havia que vencer para lograr em- preza taõ ardua, dilatava declarar-se até que as disposi- çoens mostrassem mais seguranças que as do sentimento, e maiores fundamentos que os males de que se queixavaõ os que o persuadiaõ. Desfez esta confusão, e desbaratou toda a perplexidade do Duque o desacordo, e pouca atten- ção do Conde Duque, que, tirando o rebuçõ ao peito, descobrio de todo os intentos que recatava, taõ mal con- siderados que vieraõ a ser occasiaõ do mesmo dãnõ que pretendia atalhar. Chegou ao Duque de Bragança segunda ordem para passar a Almada; replicou, e desvaneceu-se. Porém dentro de poucos dias recebeu huma carta d'ElRey, em que depois de largas persuasoens, e promessas, lhe or- denava que se prevenisse para passar a Catalunha com elle, aonde determinava marchar brevemente a socegar as re- voluções daquelle Estado: outras da mesma substancia vie- raõ a todos os Fidalgos do Reino.

*Carta d'ElRey
ao Duque para
passar a Cata-
lunha.*

*Motivos das al-
terações de Ca-
talunha.*

Haviaõ-se exasperado os Catalães da contuma- cia do Conde Duque: porque, tendo elles assistido com gente, e dinheiro na guerra de França ao soccorro de Sal- fes, a satisfação, que alcançaraõ desta fineza, foy naõ só falta de premio, senaõ disfavores, e desprezos, e aloja- rem os Castelhanos todo o exercito nos lugares mais opu- lentos daquelle Estado. Fizeraõ os Catalães repetidas queixas ao Conde Duque, de que resultou vir ordem d'El- Rey para que o exercito se aquartelasse nos lugares, que os Cabos elegessem. Entendia-se que a causa deste rigor era a opposição, que alguns Catalães orgulhosos por nature- za faziaõ á suberba do Conde Duque, negando-lhe os obsequios que lhe rendiaõ quasi todos os Vassallos da Co- roa de Hespanha. O que se mostrou mais claramente em

huma

humã contenda que o Conde Duque teve com o Almirante de Castella em Barcelona, em que os Catalães se declaráraõ a favor do Almirante. Exasperados os Catalães de taõ repetidos rigores, romperãõ em desordens, e valendo-se do antigo estylo de entrarem em Barcelona á festa do Corpo de Deos segadores, que baixavaõ das montanhas, costumados a viver de latrocinios, e insultos, e usando deste barbaro soccorro, unidos os da Cidade aos segadores, matáraõ ao Vice-Rey D. Dalmau de Queralt Conde de Santa Coloma seu natural, e antes grandemente estimado de toda a sua naçaõ. Seguirãõ-se a esta outras muitas mortes exorbitantes sacrilegios, e roubos. Os soldados offendidos destes insultos procurarãõ a satisfação pelo Principado; saqueáraõ a Cidade de Perpinhaõ, unindo-se a guarniçaõ do Castello á Infantaria que buscava aquella Cidade para alojamento, e a quem os da Cidade haviaõ fechado as portas. Padecêraõ outros Lugares este mesmo dãno, e fez Cambriz a primeira opposiçaõ ao exercito, de que se seguiu padecer o primeiro castigo por todos os titulos exorbitante, e escandaloso: porque além de tirarem as tropas a vida a muitos moradores, foraõ enforcados o Baraõ de Roca Fort Jacinto Viloso, e Carlos Bertola nobres Catalães, que governavaõ aquella Praça. A estas extorções se seguirãõ tantos excessos, que chegando os Catalães á ultima desesperaçãõ, se resolverãõ a fortificar Barcelona, e a buscar o mais seguro remedio na protecçaõ d'ElRey de França. Para atalhar este dãno persuadio o Conde Duque a ElRey Catholico que marchasse com hum grande exercito ao castigo dos Catalães, naõ só com o fim de fazer mais certa, e maior a vingança dos delictos succedidos, de que elle havia sido causa, senãõ tambem para que esta jornada servisse de pretexto ao intento de chamar a Madrid ao Duque de Bragança, e toda a Nobreza de Portugal, para que sem opposiçaõ se reduzisse a ficar Provincia. Tanto que chegou ao Duque de Bragança a ordem para acompanhar ElRey a Catalunha, se resolveo generosamente a abraçar as offertas que repetidamente se lhe haviaõ feito de aceitar a Coroa que de justiça lhe pertencia, e a livrar a Patria dos grandes

*Resolve-seo Duque
que á empresa
da liberdade.*

males

males, que supportava, sendo muitas vezes mais poderoso a huma grande sem-razaõ, que a razaõ mais forçosa. Considerava que, se obedecia á ordem, dava sentença contra a sua vida, ou ao menos contra a sua liberdade, porque todos os antecedentes insinuavaõ ser este o fim do Conde Duque; e quando se desse caso, que hum, e outro perigo se divertisse, não podia deixar de pôr em contingencia a sua authoridade, e a grandeza da Casa de Bragança, tantos seculos conservada sem diminuiçaõ; porque a imprudencia dos Castelhanos foy nesta materia de qualidade, que fazendo taõ exactas diligencias porque o Duque se apartasse de Portugal antes de conseguir a sua obediencia, ja tinhaõ publicado que os Grandes lhe haviaõ de preceder em todos os Actos publicos; e quando a verdadeira politica era obrigarlo para o persuadir, lhe negaraõ o Arcebispado de Evora para seu irmão D. Alexandre, dando por razaõ, que não era Doutor em faculdade alguma, quando no meismo tempo se havia concedido o Bispado de Vizeu a Leopoldo Archiduque de Tirol para hum filho seu de tres annos, sendo contra a Ley do Reino darem-se a estrangeiros Beneficios Ecclesiasticos. Obrigado de taõ certos discursos, e queixoso de taõ justos aggravos, e sobre todas as razoens humanas persuadido de impulso superior, determinou o Serenissimo Duque de Bragança não dilatar por mais tempo as esperanças dos Portuguezes, sendo valeroso Author da liberdade, que desejavaõ; porém esperou que se lhe tornassem a fazer novas propostas para ajustar com maiores fundamentos materia, onde as difficuldades pareciaõ quasi invenciveis. Não lhe tardou muitos dias esta occasião, porque, irritada de novo a Nobreza com as ordens, que chegaraõ a todos os Fidalgos, de que se compunha, para acompanharem ElRey no castigo dos Catalães, lembrados não só do intento desta jornada (conhecidamente disposto para ultima ruina das suas casas) senão da differença das empresas, para que seus Avós foraõ chamados dos antigos Reys de Portugal, se dispuzeraõ a tomar a ultima resolução, e a eleger o caminho, que achassem menos difficulto para conseguir a sua, e a liberdade da Patria.

A doze de Outubro do anno de 1640, (tão decantado dos vaticínios, que nem a experiencia de se chegar o fim delle sem apparencia de novidade util, diminuiu as esperanças dos que aguardavaõ neste tempo a liberdade da Patria) se juntaraõ em casa de D. Antão de Almada D. Miguel de Almeida, o Monteiro mór, Jorge de Mello, Pedro de Mendoça, e Antonio de Saldanha, João Pinto Ribeiro Agente da Casa de Bragança, ao qual chamou D. Miguel de Almeida, assim por ser avaliado por homem de grande talento, como por ser Agente dos negocios do Duque de Bragança, e muito obrigado a procurar os seus interesses. Começaraõ todos a discorrer sobre o remedio de tantos males como o Reino padecia, e a queixarem-se do Duque de Bragança, que era a causa de tanta ruina, não querendo aceitar a Coroa, que lhe offerenciaõ, e na Coroa as vidas, e as liberdades, que lhe entregavaõ. Arguiraõ-o de remisso, e irresoluto, fazendo a paixãõ, ou o impulso sobre-natural, que se esquecessem de que a empreza tinha mais re'evantes dependencias, que o consentimento do Duque. Defendeo-o João Pinto, fazendo officio de bom criado; referio as muitas razões, que havia, para se não resolver sem grande consideração em materia tão importante, mostrando os inconvenientes, que primeiro se deviaõ facilitar: e concluiu, que se julgavaõ ser, acclamar ao Duque o unico remedio de tantos males, para que aguardavaõ o seu consentimento? Que se resolvessem a declarallo Rey de Portugal, porque o Duque, vendo-se metido no empenho, antes havia de querer ser Rey em contingencia, que Vassallo suspeito, sendo mais remoto aquelle, que este perigo. Todos os que ouviraõ João Pinto se affeiceiraõ á sua opiniaõ; porém assentaraõ, que se fizesse primeiro aviso ao Duque, persuadindo-o com mais vivas instancias a que aceitasse a Coroa: e quando elle duvidasse, se elegeria o segundo partido de o acclamar sem seu consentimento, ou outro qualquer, que parecesse mais util, e mais breve, porque eraõ ja tantos os que sabiaõ esta resoluçãõ, que na quebra do segredo perigava muito o successo della. Persuadiraõ todos a João Pinto, que fosse a Villa Viçosa comunicar

Anno
1640.

*Segunda Junta
dos Nobres.*

Anno
1640.

Parte Pedro de
Mendoça ao Du-
que.

Proposta de Pe-
dro de Mendo-
ça.

municar ao Duque a determinação assentada, e a mostrá-
lhe as razões, que o obrigavao a libertar a Patria, acei-
tando a Coroa. Excusou-lhe João Pinto dizendo, que as
razões repetidas por elle parecerião ao Duque suspeito-
sas, e levadas do interesse, que lhe resultava da sua gran-
deza, e que assi n'era de parecer, que Pedro de Mendo-
ça aceitasse esta commissão, porque nelle concorriaõ to-
das as circumstancias de que se devia esperar a felicidade
da jornada. Aceitou Pedro de Mendoça com muito gosto
a diligencia, e como era taõ empenhado no bom successo
della, naõ dilatou dalla á execuçaõ; fez caminho por Evo-
ra, onde cõmunicou ao Marquez de Ferreira, e ao Con-
de do Vimioso a commissão que levava; escreveraõ el-
les ao Duque, esforçando quanto lhes foy possível as in-
stancias, para que naõ reculasse taõ generosa offerta. Pas-
sou Pedro de Mendoça com estas cartas a Villa Viçosa,
achou o Duque caçando na tapada, que se segue á Villa,
que era todo o seu divertimento, sendo huma das maio-
res, e mais abundantes de caça de toda Hespanha. De-
pois dos primeiros cumprimentos, offerecendo-lhe occa-
siãõ o campo de fallar ao Duque sem testemunhas, lhe
disse, que elle vinha da parte de quasi toda a Nobreza do
Reino a pedir-lhe quizesse aceitar a Coroa de Portugal,
usurpada a seus Avós por ElRey D. Filippe segundo, e
que do sentimento da Nobreza estava o povo de Lisboa,
estimulado dos excessos dos Castelhanos, e que neste par-
ticular era a resoluçaõ de todos taõ uniforme, e incontra-
stavel, que quando duvidasse de aceitar a Coroa, deter-
minavaõ acclamallo sem seu consentimento: porém que
parecendo aos de melhor discurso esta resoluçaõ intem-
pestiva, assentaraõ fazer-lhe avizo, esperando de seu
grande espirito, que se naõ negaria ao amparo de taõ hon-
rados Vassallos, que voluntariamente entregavaõ ao seu
arbitrio as vidas, e as fazendas com segura confiança de
lhe eternizarem a Coroa, fundada no valor dos Portu-
gueses tantas vezes experimentado; e que se o pouco,
que estimasse o Sceptro o dissuadisse da empreza, o muito
que devia gratificar taõ finos affectos, era força que o obri-
gasse a tomar taõ galharda resoluçaõ, advertindo-lhe,
que

Anno
1640.

que quando não achassem por hũa, ou por outra via meio de o persuadir, que estavaõ resolutos a formar huma República; e que devia considerar quanto desdouro seria para a sua opiniaõ entre as Nações estrangeiras verem, que erigiaõ República, tendo nelle Principe natural; porque ainda que a empreza era grande, parece que a facilitava a guerra de França, e as revoluções de Catalunha, repartindo-se de sorte o poder dos Castelhanos, que seria facil desbaratar o que trouxessem á opposiçaõ do intento proposto: e que lhe pedia não cõmunicasse este negocio ao seu Secretario Antonio Paes Viegas. Era a causa desta desconfiança recearem, que Antonio Paes desviasse ao Duque de aceitar o Reino, e por este respeito advertiraõ a Pedro de Mendoça em Lisboa esta diligencia. O Duque respondeo, que a materia em que lhe talava era de tanta importancia, que merecia toda a ponderaçãõ, e assim lhe pedia tempo para cuidar nella, e brevemente lhe daria resposta, que em quanto a fialla de Antonio Paes, sem algum escrupulo o podia permittir, porque além das largas experiencias, que tinha do seu segredo, e prudencia, não era o que menos o estimulava ao mesmo que elle o persuadia. Entregou Pedro de Mendoça ao Duque as cartas que levava do Marquez de Ferreira, e Conde do Vimiole, e apartou o discurso o Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha, que veio visitar ao Duque.

Resposta do Duque.

Acabada a visita do Bispo, entrou o Duque a discorrer no modo da resposta, que havia de dar a Pedro de Mendoça, porque ainda que estava resolutos a tentar a fortuna abraçando a empreza, ensinava-lhe a prudencia a caminhar com os passos mais seguros, que fosse possivel, e a dispôr de sorte os animos, que concorresse no empenho ou toda, ou a maior parte da Nobreza, resoluçaõ que costuma a seguir o Povo, e sem ella sempre são inconstantes os seus affectos. Parecia-lhe ao Duque conveniente, antes de declarar o seu intento, anticipar todas as prevenções, que considerava precisas para o concluir, porque depois de communicada a sua resoluçaõ, suppunha grande risco em se lhe dilatar o effeito della; e executada sem esperanças de a conseguir, o que facilitavaõ as disposições

Anno
1640.

*Conferencia do
Duque com An-
tonio Paes Vie-
gas.*

posições convenientes, era entregar logo a victoria nas mãos de seos inimigos. Para ter maior socego neste embaraço, não quiz resolver-se sem o parecer de Antonio Paes Viegas: chamou-o, e communicou-lhe tudo o que havia passado com Pedro de Mendouça. Chegando ao ponto de que a Nobreza determinava, quando elle se resolveu a não aceitar a Coroa, a formar na ultima desesperação hũa República: disse Antonio Paes ao Duque, que antes, que passasse mais adiante, se servisse o tirar de huma duvida, a qual era, que se accaso os Portuguezes formassem República, que partido havia de seguir? se o de Portugal, se o de Castella? Respondeo-lhe o Duque, que sempre estivera deliberado a se não apartar do commum consentimento do Reino, e qualquer perigo a que se arriscasse por defenſa da Patria, teria por muito suave: ouvindo estas palavras, disse ao Duque Antonio Paes com grande fervor, que esta sua resolução tirava a duvida da resposta, que havia de dar a Pedro de Mendouça: porque se pela Patria se resolvia a arriscar a vida sendo Vassallo de huma República, quanto mais glorioso, e quanto mais conveniente era empenhalla sendo Rey de hum Reino, que lhe pertencia de justiça; e que se a defenſa da vida ficava dependendo da direcção alheia, muito maior prudencia feria seguralla com a disposição, e cuidado proprio: que achasse a mão, que tirasse o golpe, na do Duque a espada para o reparo: que visse Europa, conhecesse o Mundo, e confeçasse a Posteridade o valor com que se arrojava a lograr em huma só acção duas victorias, restituir-se á posse do Reino, que lhe tocava, e satisfazer-se das offensas, que os Castelhanos usurpando-o, fizeraõ a seos Avós, e que celebrasse Portugal para gloria sua ser elle aquelle escolhid» de Deos no Campo de Ourique para livrar na decima sexta geração, que de presente se contava, o Reino attenuado, e a Patria nunca em outro seculo mais opprimida; que em quanto ás difficuldades, que se lhe representavaõ, que ja se não podiaõ prevenir; porque só o beneficio do tempo era quem as havia de remediar: que na contingencia da Lua inconstante semeava o Lavrador a terra, e no perigo da variedade do vento se arrojava ao

Mar

Anno

1640.

Mar o navegante, tendo valor hum, e outro para entregar ao tempo a sua fortuna: que nos calos grandes toda a resoluçã se exculava de temeridade, e qualquer reparo (abraçado o empenho) era imprudencia, sendo só o arrependimento o que se devia contar como maior precipicio; e que ultimamente nunca a desgraça poderia ser tão poderosa, que, negando-lhe todos os meios de se defender, lhe faltasse na campanha com huma gloriosa sepultura. O Duque estimou muito esta opiniaõ de Antonio Paes; respondeo-lhe que se havia conformado com o seu intento; e depois de conferir com elle outros pontos importantes, passou ao quarto da Duqueza D. Luiza de Gusmaõ sua mulher, filha dos Duques de Medina Sidonia, huma das mais qualificadas, e antigas familias de Castella, deo-lhe conta do empenho em que se achava, a que não queria arrojarse sem o seu parecer. A Duqueza que era dotada de entendimento tão claro, e animo tão varonil, como depois acreditaraõ largas experiencias, ponderando os perigos da sua Casa, tendo objecto do rigor do Conde Duque, julgou generosamente por mais acertado, ainda que a morte fosse consequencia da Coroa, morrer reinando, que acabar servindo, e animou ao Duque dizendo, que todos os vaticinios eraõ segurança da empreza, e que neste sentido só a dilacão de se coroar podia ser prejudicial. Achando o Duque tão conformes duas opinioes de que tanto fiava, chamou Pedro de Mendoça, e depois de lhe agradecer o trabalho, e o perigo, a que se expusera por seu respeito, lhe disse, que havia largamente ponderado tudo quanto elle lhe referira, e que antepondo a faude da Patria ao risco particular, se resolvia a aceitar a Coroa para a fazer respeitada a seus inimigos, e commua a seus Vassallos, porque na occupaçã, que a Nobreza lhe dava, escolhia o trabalho do Governo, e largava aos que governasse, os interesses do Imperio, Pedro de Mendoça alegre de haver conseguido o que tanto desejava, pretendeo beijar a maõ ao Duque, que o recusou dizendo, que para esta cerimonia não faltaria tempo, e que para conseguir o que dispunhaõ faltavaõ muitas circumstancias.

Resolve-se o Duque a aceitar a Coroa.

Communica á Duqueza o intento, que varonilmente approva.

Declara a Pedro de Mendoça esta resoluçã.

Anno

1640.

*Volta a Mourão
faz aviso á Ju-
ta mas confuso.**Sabe da duvi-
da, e alegre-se
com a lua de-
claração.**Parte João
Pinto a Villa-
Viçosa.*

Com grande satisfação desta modestia partio Pedro de Mendoça para Mourão por dissimular a jornada de Villa Viçosa. Despedio logo hum Correio a D. Miguel de Almeida, e lhe escreveu dizendo, que fora á tapada; que se fizeraõ alguns tiros, e que huns se acertaraõ, outros se erraraõ, e que era grande a prudencia de João Pinto Ribeiro. Este aviso taõ pouco distincto, deixou a D. Miguel muito embaraçado: porém recatando-o por não confundir as resoluções, chegou Pedro de Mendoça, e dando a todos os da Junta conta da resposta do Duque, a celebraraõ com tantas demonstrações de contentamento, que foy esta a primeira aclamação. Já neste tempo havia crecido muito o numero dos Fidalgos empenhados nesta gloriosa empreza: todos tornaraõ a persuadir João Pinto Ribeiro, que fosse a Villa Viçosa a ajustar com o Duque o dia, e a fórma de se executar o que estava tratado, porque era preciso concordar-se com elle nestas, e em outras circumstancias, todas de grande consequencia. Tornou João Pinto a excusar-se, offerecendo as proprias razões, que reprelentára no principio. Em ventilar estas materias se gastáraõ alguns dias, nos quaes faltando ao Duque os avizos, que era justo se lhe fizessem muito repetidos, entrou com ração em grande cuidado, e sabendo que Pedro de Mendoça havia passado a Evora lhe escreveu, pedindo-lhe novas do negocio que lhe encõmendára: respondeo-lhe taõ confusamente, que o Duque crescendo-lhe o embaraço se resolveo a chamar João Pinto, com o pretexto de conferir com elle huma demanda, que fazia á Casa de Odemira. Deu João Pinto conta a D. Miguel desta ordem, para que elle a cõmunicasse aos mais confederados, e despois de ajustarem o que havia de dizer ao Duque se partio para Villa Viçosa. As suas noticias diminuirãõ ao Duque o cuidado com que estava, porque não só concordou com o que Pedro de Mendoça havia referido, mas acrescentou, por facilitar a empreza, muitas inferencias, que seguravaõ a felicidade della. Durando esta conferencia, chegou ao Duque aviso, que passavaõ para Madrid algumas pessoas, de que se podia inferir, que tivessem noticia do que se tratava; e que a Duqueza

queza de Mantua, prevenida com alguns avizos, especulava os passos mais occultos que davaõ os Fidalgos de Lisboa. Vendo estes accidentes lhe pareceo ao Duque que perigava muito a empresa na dilacão de se executar. Despedio Joaõ Pinto com ordem que desse logo Lisboa principio ao acclamar, porque começando Evora, como lhe avizaraõ que estava tratado, podia succeder o inconveniente de se prevenir a Duqueza de Mantua com algum avizo anticipado, primeiro que se declarassem os Fidalgos confederados: e segurou o Duque a Joaõ Pinto, que se se delle caso que em Lisboa faltassem ao que promettiaõ, o que elle não cuidava das pessoas que se lhe offereceraõ, obrigadas por tantos respeitos a antepor a todo o perigo a pontualidade, que elle com os Povos, que em Alemtejo estavaõ á sua devoçãõ, havia de tentar a fortuna sahindo em campanha. Alegre de taõ generosa resoluçãõ voltou Joaõ Pinto para Lisboa: chegou a esta Corte com duas cartas do Duque, huma para D. Miguel de Almeida, outra para Pedro de Mendoça; porque reparando no perigo que corria escrever a todos, elegeo o mais velho da facçãõ, e o que lhe havia levado a Embaixada. Não continhaõ as cartas mais que demonstrações do seu affecto, remettendo a sua determinaçãõ ao que dissesse da sua parte Joaõ Pinto a quem pedia dessem inteiro credito. A mesma noite em que Joaõ Pinto chegou, se ajuntaraõ em sua casa (que era no Paço que nesta Cidade tem o Duque de Bragança) a maior parte dos confederados: porém acautelaraõ se quanto lhes foy possível, deixando as carroças em differentes partes, retirando Joaõ Pinto anticipadamente os seus criados, e pondo pouca luz na casa, para que não fossem conhecidos os que estavaõ nella. Souberaõ de Joaõ Pinto que a vontade do Duque era, que Lisboa desse principio á empresa, que se introduzisse na facçãõ os mais que fosse possível, e que a brevidade recõmendava considerando na dilacão a total ruina: que com o maior affecto agradecia a todos o animo com que empenhavaõ as vidas pela sua utilidade. e que esperava fosse o successo taõ felice, que lhe não faltasse tempo de remunerar tantas finezas: pois era certo que ha-

Annõ

1640.

*Despede o Duque
que Joaõ Pinto
com ordem de
ser acclamado
em Lisboa.*

*De Lara Joaõ
Pinto a resolu-
çãõ.*

Anno

1640.

via de escolher por companheiros na Coroa aquelles que tanto trabalhavaõ por lha pôr na cabeça. Qualquer palavra destas que João Pinto repetia era hum novo espirito que entrava nos peitos dos que estavaõ presentes: e Portuguezes com espiritos dobrados não podiaõ achar empreza difficultosa. Todos approváraõ a resolução de começar Lisboa a declarar-se, e ja como ordem do seu Rey le dispuzeraõ a obedecella.

Flegê-se o primeiro de Dezembro para a Acclamação.

Ajustataõ-se naquella noute, que era Domingo vinte e seis de Novembro, que se executasse o que estava assentado ao Sabbado seguinte primeiro de Dezembro, e cõmunicou-se a todos, que por intervençaõ do Padre Nicoláo da Maia estava reduzido o Juiz do Povo, Escrivaõ, e Misteres, e alguns da Casa dos Vinte e quatro: porém que atemorizados com o successo de Evora ajustáraõ, que não fariaõ movimento algum sem verem declarada toda a Nobreza; promessa que facilmente conseguiraõ. Desta conferencia se deo parte ao Arcebispo de Lisboa, que havia alcançado licença para fahir do empenho em que estava em Madrid, protestando as penas em que ficava incorrendo quem lhe impedia ir governar as suas ovelhas. Authorizava elle muito a empreza, persuadindo com a virtude, e com a eloquencia (havendo sido dos primeiros que fomentaraõ a liberdade da Patria, parecendo-lhe escrupulosa a sujeição a ElRey de Castella, como possuidor intruso) seguiraõ-o seos parentes, e todos os Ecclesiasticos, que lhe obedeciaõ. Estando a empreza tanto adiante, que faltavaõ só tres dias para se executar, se deo conta della a D. João da Costa: era dotado de grande valor, e entendimento, partes que lhe haviaõ grangeado toda a estimaçõ da Corte, contando-se nos seos poucos annos muitos de prudencia. Ouvio elle com muita attençaõ a proposta que lhe fizeraõ, e depois de considerar largo espaço a gravidade da empreza, falou com a eloquencia de que era dotado, neste sentido: *Muitos annos ha, Senhores, que com profundo sentimento observo as calamidades, que padece Portugal, e que com intimo affecto procuro achar caminho, que facilite a sua liberdade: nunca puz em duvida a justiça, que o Duque de Bragança tem para se*

Voto de D. João da Costa.

libe

Anno
1640.

He entregar esta Coroa, nem ignoro o rigor com que a tyrã-
niza o Governo de Castella: porém a razão do Duque, e a
offensa do Reino, ainda que são fundamentos para nos mo-
strarmos justificados não são forças para nos considerarmos
victoriosos; porque esta causa a que nos queremos oppor,
não a decidem as razões, há de sentenciála as armas, e
considero, que os meymos motivos da nossa resolução nos re-
presentão as maiores difficuldades. Confeço q̃ o Duque de
Bragança, conforme a noticia, que temos do seu talento, he
muito capaz da Coroa: porém esta que lhe queremos dar, he
taõ pezada, que necessita de maiores circumstancias, ha mi-
ster muitas experiencias, que faltaõ ao Duque, não só poli-
ticas, senão militares; porque no estado presente he necessa-
rio a Portugal, que quem empunhar o Sceptro saiba exerci-
tallo como bastaõ. Da segunda causa nasce tambem contra-
rio effeito, porque sendo a maior queixa que temos dos Ca-
stelhanos a extremidade a que tem reduzido este Reino com
o fim de o fazer Provincia, tirando d'elle gente, dinbeiro, ar-
mas, e cavallos, esta mesma falta impossibilita o que inten-
tamos; porque sendo estes os quatro elementos de que se com-
poem o formidavel corpo da guerra, e carecendo nós quasi
totalmente de todos quatro, qual he o fim, quaes são as es-
peranças com que a emprendemos? He facil fazer Rey ao
Duque de Bragança, mas he muito difficultoso sustentar lhe
a Coroa, parte das empresas grandes podem os animos vale-
rosos fiar da fortuna, mas entregar lhe todo o socego dellas
he a maior imprudencia, e a mais indisculpavel temeridade.
Sõmados todos os cabedães de que fazemos conta, vimos a
achar tirada a prova, quarenta fidalgos em Lisboa, com taõ
pouco sequito, que não chegaõ a duzentos homens: a promes-
sa do Juiz do Povo, e Misteres taõ mal fundada, que depen-
de da vontade do Povo voluvel, e inconstante, e algũas intel-
ligencias em poucos Lugares da Provincia de Alemtejo. Por
opostos ao limitado poder, que temos em Lisboa, have mos de
achar os Soldados Castelhanos, que guarnecem o Castello,
Torres, e Navios, que estão ancorados, que ao menos serão
mil e quinhentos, e além destes, todos aquelles que de en-
derem de Castella, e os que medrosos do seu poder se des-
viarem da nossa opinião. Da segunda confiança, que he nos

Anno
1640.

Lugares de Alemtejo se deve fazer muito pouco caso, na consideração de terem na memoria os castigos das revoluções de Evora, das mais do Reino não podemos inferir a resolução, sem nos intremeter em adivinhar os futuros, privilegio que sem particular auxilio não costuma ser concedido aos mortaes. Porém eu quero suppor todas estas difficuldades vencidas, e considerar o Povo de Lisboa unido, seguindo a voz do Duque de Bragança, o Castello, Torres, e Navios atacados, e rendidos á nossa bizonharia: todas as Cidades, Villas, e Lugares conformes com a opinião de Lisboa, e as Conquistas seguindo o consentimento do Reino, representando se me forçosas duvidas em qualquer destas proposições, mas dando-as (como disse) por vencidas; quaes são os Exercitos, quaes as Armadas que temos para nos oppor ao poder de Castella? Consente a menor duvida (se Deos não cegar aos Castelhanos) marcharem, no mesmo instante que chegar a Madrid a nova do que executarmos, contra Portugal os Terços, Tropas, e Armada dedicados para Catalunha a atalhar na nossa resolução o maior damno que pôde padecer aquella Monarquia. Hollanda, e Catalunha, quando se resolverão a sacudir o jugo de Castella, havião grangeado primeiro a amizade dos Principes vizinhos, que com grandes Exercitos sustentaraõ o seu partido, introduzindo-os nas melhores Praças ao mesmo tempo que elles se declararaõ contra os Castelhanos; e nós outros não só elegemos a occasião em que os Castelhanos se achão armados dentro de Hespanha, senão fiamos tanto dos nossos braços que não tratamos de algum outro socorro, e mais quando ja agora ainda que consigamos a licença de algum Principe, he o prazo tão pouco, e tão difficultoso chegarem os socorros a tempo, havendo de ser por força a inconstancia do mar quem os conduza, que he razão que consideremos o damno muito distante do remedio. Sendo todos estes discursos (a meu parecer) sem contradicção, não nos fica para que appellar senão para milagres, e milagres, senhores, he justo que se creão, he bom que se mereçaõ, mas não he razão que se esperem. Porém ainda que tenbo proposto as duvidas que se me offerecem em materia tão ardua, e tão importante, não
he

*he o meu fim encontrar a empresa, nem desviar-me do pe-
 rigo della: pois não he a primeira vez que a vontade se
 aparta do entendimento em operaçoens menos generosas:* *minha tenção he mostrar que sigo o que julgo por taõ dissi-
 cil, e arriscado, ponderando que se há ley que indignamente
 me obriga a entregar a vida á disposição de qualquer Ami-
 go, que a ley natural me empenha a sacrificalla dignamen-
 te pela liberdade da minha Patria. Confesso que se tivera
 esta noticia mais anticipada, que fora o meu voto que se
 dispuzesse esta empresa com maior segurança; porem fian-
 do-se-me a tempo que he taõ pouco o que temos do intento à
 execução, o que me parece he senão dilate, porque não
 achemos na falta do segredo o maior inimigo. Estas razões
 de D. Joaõ da Costa arguidas do seu entendimento, e des-
 prezadas do seu valor perturbáraõ muito os animos de to-
 dos os confederados, e foy de fórte o embaraço que nel-
 les produziraõ, que se resolveo Joaõ Pinto a avizar ao
 Duque de Bragança, que suspendesse as ordens, dispo-
 tas para a execução do primeiro de Dezembro, até segun-
 do avizo. Ficou o Duque em grande confusão com esta
 novidade, se bem fahio logo della, porque lhe chegou
 outro Correio de Joaõ Pinto com avizo que continuásse
 as disposiçoens, porque não haveria duvida que divertisse
 a empresa; e foy a causa de sahirem os confederados do
 embaraço proposto discorrerem o empenho em que esta-
 vaõ, e conhecerem que o maior perigo consistia na dila-
 ção; porque descoberto o que estava tratado experimen-
 tariaõ desunidos o castigo, que receavaõ armados: e ma-
 nifestar-se o que intentavaõ era infallivel, participando
 do segredo toda a fórte de gente que não costuma guar-
 dallo. Depostos pois todos os inconvenientes, cerrados
 os olhos a todas as difficuldades, e offerecidos os peitos
 aos maiores perigos, dileberáraõ estes, em todos os secu-
 los, quarenta Illustrissimos Varoens a cortar com as vale-
 rosas espadas, novos Alexandres, o laço com que a indus-
 tria Castelhana havia atado o Reino de Portugal, e a exe-
 cutar huma das maiores acçoens que em nenhum tempo
 (discorrendo por todas as historias) correio por conta da
 trombeta da fama; e como o que fica referido he verda-
 deiro*

Anno

1640.

106 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno
1640.

deiro testemunho desta confissão, tendo mostrado o pouco poder com que se deliberaraõ a emprender acção de tantas, e taõ invenciveis difficuldades, mostrando agora o felice, e valeroso remate desta gloriosa empreza, lograõ estes generosos Heroes no applauso universal o triumpho, que merecem.

*Varios discursos
sobre a execu-
ção.*

*Affetaõ a fer-
ma, e tempo da
Acclamação.*

Repetiraõ-se as ordens necessarias, e os postos convenientes com a maior distincção que foy possivel, depois de ventiladas varias opinioens, que occurriaõ a tantos discursos, porque huns queraõ, que o Duque de Bragança apparecesse de improvisõ em Lisboa, dizendo: que só a sua presença havia de segurar a empreza: porém convenceo-os a contradicção, de que a jornada poderia naõ ser occulta á vigilancia da Duqueza de Mantua, e que o maior perigo era dar tempo á prevenção. Outros eraõ de parecer, que se atacasse primeiro o Castello, mas examinado o numero dos soldados da guarnição, e achando-se mais de quinhentos, pareceo duvidoso o effeito desejado. Assentaraõ por conclusaõ, que Sabbado, primeiro de Dezembro, com o menor rumor que fosse possivel, se achassem todos juntos no Paço, repartidos em varios postos, e que tanto que o relógio desse nove horas sahissem das carroças ao mesmo tempo: que huns ganhassem o Corpo da guarda, onde estava huma Companhia de Infantaria Castelhana, outros subissem á sala dos Tudescos a deter a guarda de Archeiros Alemaens, que assistia nella; outros appellidasssem, pelas janellas do Paço, liberdade, e acclamassem o Duque de Bragança Rey de Portugal, outros entrassem a matar o Secretario de Estado, Miguel de Vasconcellos, diligencia, que julgavaõ importantissima assim por atalhar as ordens, que a sua resolução podia distribuir, como para incitar o Povo com aquelle merecido castigo, e persuadillo ao empenho da Nobreza, para que naõ duvidasse de a seguir. Tomado este assento, buscáraõ todos, confeçando-se o dia antecedente, o favor de Deos para segurar a empreza; porque como aquella acção naõ era de vingança, senaõ de justiça, suppunhaõ que desta podiaõ licitamente ser entaõ os executores. Para o dia assinalado, ao amanhecer, se deo recado a todos aquel-

aquelles, que por dependencias dos quarenta Fidalgos haviaõ de assistir nesta facção, sem mais noticia della, que serem chamados por elles: preveniraõ-se, e armaraõ-se todos, e foy muito para louvar o valor de D. Filipa de Vilhena, Condessa de Atouguia, porque fiando-se da sua prudencia o segredo deste negocio, ajudou a armar feos dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e D. Francisco Coutinho, e os exhortou a conseguir a valerosa acção, que emprendiaõ. A mesma acção com igual valor executou D. Marianna de Lancastro com feos dous filhos Fernão Telles, e Antonio Telles da Silva. Sem haver dos confederados quem se arrependesse da determinação, occuparaõ todos os postos destinados. Impacientes esperavaõ as nove horas, e como nunca o relógio lhes pareceo mais vagaroso, tanto que deo a primeira, sem aguardarem a ultima, arrebatados do generoso impulso sahiraõ todos das carroças, e avançaõ ao Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello de Castro, Estevaõ da Cunha com alguma gente, que os seguia, detiveraõ os soldados Castelhanos, que estavaõ de guarda. D. Miguel de Almeida subio á sala dos Tudescos, e disparou huma pistola, sinal que tambem estava ajustado para que todos se repartissem pelas partes d'antes destinadas. Luiz de Mello Porteiro mór, e Joaõ de Saldanha de Sousa ganháraõ o lugar onde estavaõ arrimadas as alabardas dos soldados. D. Afonso de Menezes, Gaspar de Brito Freire, e Marco Antonio de Azevedo lançaõ todas as alabardas em terra, e empediraõ que os soldados chegassem a tomallas, alguns delles intentaraõ defender a porta que sahe ao corredor que se remata no Forte, onde morava Miguel de Vasconcellos: porém investidos valerosamente de Pedro de Mendocça, e de Thomé de Sousa desoccuparaõ a porta, e querendo ganhar huma, que hia para o quarto da Duquesa de Mantua, a acharaõ ja occupada por Luiz Godinho Benavente, criado do Duque de Bragança, e por outras pessoas, que o acompanhavaõ, os quaes matando hum Tudesco, e ferindo outro, os fizeraõ retirar. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida veneravel, e brioso com a espada na maõ gritando: *Liberdade, Portuguezes:*

Anno
1640.

*Dasse' l'he principio
accommen-
tando o Paço.*

Viva

Anno
1640.

*Acomete-se a
casa de Miguel
de Vasconcellos.*

Viva El Rey D. João o Quarto. E com as mesmas vozes chegou ás vareadas do Paço, e repetindo as muitas vezes ouvido do Povo se foy convocando no Terreiro. Arrebata-
tados de igual furor buscando a casa de Miguel de Vasconcellos entráráo pelo corredor D. Antonio Tello, D. João de Sa de Menezes Camereiro mór d'El Rey, Antonio Telles ferido em hum braço de huma bala de pistola que se disparou na sala dos Tudescos, o Conde de Atouguia, seu irmão D. Francisco Coutinho, D. Alvaro de Abranches, Ayres de Saldanha, D. Antonio Alvares da Cunha, João de Saldanha de Sousa, D. Gastaõ Coutinho, Sancho Dias de Saldanha, João de Saldanha da Gama, e seus irmãos Antonio, e Bartholomeu de Saldanha, Tristaõ da Cunha de Ataide, seus filhos Luiz, e Nuno da Cunha, e seu genro D. Manoel Childe Rolim; no fim do corredor encontráráo a Francisco Soares de Albergaria Corregedor do Civel da Cidade, que sahia da Secretaria de Estado: disseráo-lhe todos com igual impulso (Viva El Rey D. João) elle tirando pela espada com resolução imprudente, respondeo (Viva El Rey D. Philippe,) persuadiráo-o que se socegasse, não foy possível, disparáráo-lhe huma pistola na graganta, ferida de que morreo dentro de poucas horas. Chegando á Secretaria acháráo nella Antonio Correia official maior, sem se defender lhe deo D. Antonio Tello algumas feridas, entendeu-se que por paixão particular. Passáráo adiante buscando a casa em que assistia Miguel de Vasconcellos: havia-lhe advertido pela manhã Manoel Mansos da Fonseca, que no Terreiro do Paço se juntavaõ muitos Fidalgos, mostrou com palavras desconcertadas que desprezava o avizo: porém accusado da consciencia gravada com tantos delictos se levantou da cama, e cerrou a porta por dentro da casa em que despachava, que era a primeira que passado o corredor cáhe sobre o Terreiro do Paço. Rompêráo os confederados facilmente a porta, e não achando dentro a Miguel de Vasconcellos entendêráo que se livrára passando á casa da India para onde tinha communicação, de que arrazoadamente se affigiráo: mas advertidos de huma escrava abríráo hum armario de papeis, onde acháráo que

eita-

Anno

1640.

*Morte de Miguel de Vasconcellos.**Os Fidalgos da Acclamação.*

estava escondido: disparou-lhe D. Antonio Tello huma pistola, sentindo-se ferido sahio á casa onde recebeo outras feridas mortaes de que cahio, porém ainda vivo o lançáraõ ao Terreiro por huma das janellas, aguardávaõ quantidade de gente que havia concorrido daquella que sem attençaõ busca o rumor. Ao mesmo tempo que cahio o miseravel corpo moribundo, se empregou nelle toda aquella desconcertada ira sem perdoar a algum excessõ, e ficou em hum instante desprezo commum o mesmo que havia sido respeito universal, e parecendo a todos huma só vida pequena satisfacaõ de tantas culpas, vingava cada hum naquelle cadaver a sua ira, como se estivera capaz de sentimento. Depois de extinctos todos os opprobrios, e de apuradas todas as afrontas foy enterrado á instancia de Gaspar de Faria Severim, que servia aquelle anno de Escrivaõ da Misericordia, e veio a padecer os castigos que justamente haviaõ merecido os seus desconcertos. Lançado da janella Miguel de Vasconcellos, e examinados com demasiada ambiçaõ por algumas pessoas os seus Escriitorios, foy achado em huma das casas interiores o Capitaõ Diogo Garcez Palha com huma carabina nas mãos, disparou-a, e outras armas de fogo que havia na casa sem effeito, investiraõ-o, e obrigaraõ-o a se lançar por huma das janellas que cahem para o Terreiro com algumas feridas; salvou-se com huma perna desconcertada. Ao mesmo tempo que se executavaõ estas accões subiraõ ao quarto da Duqueza de Mantua D. Miguel de Almeida, Fernaõ Telles de Menezes, D. Joaõ da Costa que havia atalhado a morte a alguns dos Ministros que estavaõ nos Tribunaes, Thomé de Sousa, Pedro de Mendoga, Dom Antaõ de Almada, Dom Luiz seu filho, Dom Antonio Luiz de Menezes, Dom Rodrigo de Menezes seu irmaõ, Dom Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, Dom Antonio da Costa, Dom Antonio de Alcaçova, Joaõ Rodrigues de Sá, Martim Affonso de Mello, Francisco de Mello, Luiz de Mello que foy Porteiro mór d'ElRey, Manoel de Mello seu filho, Tristaõ de Mendoga, Luiz de Mendoga, Dom Francisco de Sousa, Dom Thomás de Noronha, Dom Francisco de Noronha,

110 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno
1640.

ronha, D. Antonio Mascarenhas, Dom Fernando Telles de Faro, Rodrigo de Figueiredo, Luiz Gomes seu irmão, Francisco de Sampayo, Gomes Freire de Andrade seu filho, Gilvaz Lobo; e depois de abrirem por força algumas portas que achátaõ fechadas, chegátaõ todos á caia da Galé, onde achátaõ a Duqueza de Mantua a hum ja nella das que cahem para a porta da Capella Real, pedindo em vozes altas ao Povo que a favorecesse, e livrasse de taõ perigoso lance: obrigátaõ'a decorosamente a se retirar da ja nella, intentou descer ao Terreiro do Paço, e vendo que lho prohibiaõ, disse com voz embaraçada: *Basta Senhores: ja o Ministro culpado pagou os delictos commettidos: naõ passe adiante o furor, que naõ merece entrar em peitos taõ nobres; eu me obrigo a que El Rey Catholico naõ só perdoe, mas agradeça livrar-se este Reino dos excessos do Secretario.* O Arcebispo de Braga, que havia chegado de Madrid com a occupação de Presidente do Paço, sahio do seu Tribunal, chegou a tempo que a Duqueza acabava de pronunciar as palavras referidas, foy seguindo o mesmo estylo com aquelle grande affecto que sempre o levou ao governo de Castella; porém o respeito que se observou com a Duqueza, ouvindo'a, se quebrou com elle, naõ querendo escutallo; atalhou'o Dom Miguel dizendo'lhe que lhe rogava que se calasse, porque lhe havia custado muito a noite antecedente livrallo da morte: obrigado deste conselho se retirou o Arcebispo a hum dos aposentos interiores; mas a Duqueza de Mantua com animo varonil foy continuando as primeiras persuasões, e repetindo novas instancias segurando o perdao d'El Rey de Castella: Responderaõ'lhe que ja naõ conheciaõ mais Reys que ao Duque de Bragança que haviaõ acclamado. Ouvindo a Duqueza estas palavras lhe cresceo a paixãõ de sorte, que foy preciso a D. Carlos de Noronha oppor-se'lhe com menos cortesia da que até alli se havia usado, pediu'lhe que se retirasse, e naõ quizesse dar occasiãõ a que se lhe perdesse o respeito. Replicou ella, *A mim! E como? Como senhora (disse D. Carlos) obrigando a V. A. a que, se naõ quizer entrar por esta porta, saia por aquella ja nella.* (Termo indecoroso que só achadif;

Chegãõ á vista da Duqueza.

Palavra da Duqueza.

Quer favorecel-la o Arcebispo Primaz; retira-se temeroso.

Palavras resolutas de D. Carlos de Noronha.

disculpa na importancia da empreza) Vendo a Duqueza que era ja temeridade a repugnancia, cedeo ao golpe da fortuna, recolheo-se ao seu Oratorio, e pedindo-se-lhe, que passasse ordem a D. Luiz del Campo, Tenente de Mestre de Campo General, que governava o Castello, para que não fizesse algum movimento, assignou na fórma que a lançárao, e D. Luiz del Campo lhe obedeceo, livrando a todos do cuidado em que os punha a artilharia, que poderia jogar em grande prejuizo da Cidade. Ficou de guarda á Duqueza D. Antão de Almada com algumas pessoas, os mais Fidalgos sahiraõ ao Terreiro do Paço: gritando; *Liberdade: Viva ElRey Dom Joaõ o Quarto.* O estrondo, a confusão, e a incerteza havia obrigado aos moradores da Cidade a se recolherem a suas casas, e por este respeito não acháraõ os confederados junta a gente, que suppunhaõ, de que se affligiraõ muito; porém depresso se livraraõ deste susto, porque tanto que se entendeu o fim da revolução, e do estrondo concorreo todo o Povo a acclamar com grande affecto o novo Rey. Ajudou muito esta resolução o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, porque tanto que teve noticia de que estava felicemente executado tudo o que anticipadamente se havia disposto, sahio da Sé, e no terreiro, que lhe fica diante, achou D. Pedro de Menezes, Conde de Catanhede, Presidente da Camera com todo o Senado, porque havendo cerrado as portas do Tribunal, onde estava, o persuadiráõ seus filhos a que as abrisse, não lhe havendo comunicado antes a grande acção, que emprendiaõ; cedeo sem difficuldade a taõ generosa instancia, mandou abrir as portas, entráraõ dentro, pegou D. Alvaro de Abranches na Bandeira da Cidade, seguiraõ-o todos, vieraõ buscar o Arcebispo, e quando baixava, defronte da Igreja de Santo Antonio, pouco distante da Sé, gritou o Povo, que huma Imagem de prata de Christo Crucificado, que levava hum Capellaõ, a quem tocava, diante do Arcebispo, despregára o braço direito; as felicidades de Portugal, e a justiça daquella acção podem persuadir que seria milagre; se succedeo accaõ, foy pela occasiaõ muito mysterioso. Gritou o Povo prostrado por terra, que era mi-

Anuo
1640,

Retira-se a Duqueza, e passa ordens para se entregar o Castello.

Acclama-se El-Rey D. Joaõ pela Cidade.

Sabe o Arcebispo da Sé, e o Senado da Camera.

Desprega o Christo e braço.

112 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1640.

*Confirma-se pe-
los Desembar-
gadores a Ai-
clamação.*

*Soltaõ-se os pre-
zos.*

*Elegem-se Go-
vernadores que
fazem aviso ao
Reino.*

milagre, e todos cobráraõ invencivel confiança de que Deos approvava a gloriola deliberação dos confederados. Persuadidos de taõ grande incentivo, naõ soavaõ em toda a Cidade mais que vivas, e acclamações ao novo Principe, valeroso Author da liberdade da Patria. Chegáraõ alguns Fidalgos á Casa da Supplicação, e acháraõ as portas fechadas, pediu Ayres de Saldanha aos Desembargadores, que estavaõ dentro, que as mandassem abrir, tegurando-os de todo o prejuizo, que podiaõ temer, abrião elles, e informados da causa do alvoroço, approváraõ com grande vontade por escrito a resolução, que se havia tomado, firmando-se todos no assento, que fizeraõ, e porque Ministros de justiça correm perigo nas revoluçoens desta qualidade, tegurou-os Ayres de Saldanha até suas casas. D. Gastaõ Coutinho abrio as cadêas, e soltou todos os presos, que estavaõ nellas, parecendo lhe improprio naõ lograrem o privilegio do dia, em que se celebrava a liberdade da Patria. Neste tempo havia chegado o Arcebispo ao Paço, o qual achou cheio de gente de todos os estados, que confórmes celebravaõ a fortuna de se verem livres da sujeição de Castella, sem se lembrarem de que havia, senaõ maiores, outras difficuldades, que vencer: Voltáraõ ao Paço todos os Fidalgos, que se haviaõ espalhado por varias partes da Cidade, depois de a deixarem com tal socego, que dentro de tres horas naõ parecia aquelle o mesmo theatro, onde se haviaõ representado tantos successos diferentes. Trataraõ logo de eleger Governadores, em quanto o Duque de Bragança, ja Rey de Portugal, naõ chegava de Villa-Viçosa: nomearaõ aos Arcebispos de Lisboa, e Braga, e a D. Francisco de Castro Inquisidor Geral: porèm allegando elle algumas desculpas que insinuavaõ o seu receio (quando naõ fosse o seu natural encolhimento) se lhe admittiraõ. O Arcebispo de Braga, que havia sido eleito á instancia do de Lisboa, procurando livrallo por este caminho dos perigos a que o considerava exposto, tambem se excusava, mas aconselhado de alguns ameaços tomou o governo. Promptamente foy chamado o Visconde Dom Lourenço de Lima por ser dotado de muitas virtudes, que mereciaõ geral estimação

Anno
1640.

mação. Logo que os Governadores aceitaraõ; despedi-
raõ varios Correios a todas as Cidades, e Villas maiores
do Reino, fazendo-lhes avizo da resolução que Lisboa ha-
via tomado, de restituir Portugal á Serenissima Casa de
Bragança, acclamando Rey ao Serenissimo Senhor Du-
que Dom Joaõ, a quem tocava por linha direita o Reino
de justiça, e que esperavaõ, que como verdadeiros Portu-
guezes seguissem a voz de Lisboa, e se prevenissem con-
tra a invalãõ de Castella, de que Deos lhes havia de dar
victoria, como sempre concedera a feos antepassados.
Despedidos os Correios ao meio dia se recolheraõ os Go-
vernadores para suas casas, admirados de acharem a Cida-
de no mesmo locego, que o dia antecedente. e as logeas
dos mercadores, e tendas abertas, sem haver em tanto re-
boliço, e inquietação quem offendesse, nem roubasse pes-
soa alguma, verdadeiro signal de que a disposição era Di-
vina; e sendo semelhantes dias os mais proprios de vin-
gança, ficou esta para exemplo da concordia, porque to-
dos os que naõ estavaõ conformes depuzeraõ a inimiza-
de, querendo achar-se unidos na guerra, que esperavaõ:
porém este primeiro semblante favoravel da fortuna, naõ
fez descuidar aos Governadores da prevenção necessaria
para atalhar os accidentes, que sobreviessem. Mandáraõ
fahir todas as Companhias da Ordenança, repartiraõ-se
estas em varios postos, assim para evitar qualquer defa-
locego, como para assegurar os Castelhanos, que viviaõ
na Cidade: taõ regulada foy esta acção, que naõ quize-
raõ que cahisse o damno em quem naõ merecia castigo.

*Passaõ ordens
para o socego
da Cidade.*

Socegada a Cidade entrou Joaõ Rodrigues de Sá,
D. Joaõ da Costa, e outros Fidalgos em huma de duas ga-
lãs, que havia naquelle tempo no Rio, e neste pequeno
baixel renderaõ tres navios da Armada de Castella, que
estavaõ furtos, guarnecidos de Infantaria, conseguindo
só a gloria de emprender acção taõ galharda; porque os
Castelhanos nem fizeraõ resistencia, nem tiveraõ acordo
para largar as vélas estando aparelhados, tendo vento
prospero, e maré favoravel. Huma das maiores maravi-
lhas deste dia foy o desacordo dos Castelhanos, que presi-
diavaõ o Castello: porque ainda que se naõ achavaõ de

*Rendem-se os
galeões dos Cas-
telhanos.*

*Imprudência dos
Castelhanos em
naõ seguir o pa-
recer de Ma-
rthias de Albuquerque.*

114 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1640.

guarnição mais que quinhentos mosqueteiros, havendo-se tirado para Catalunha mil e trezentos homens de todos os presidios (resolução que os mais inteligentes nos negocios de Portugal julgáram por delatino) se estes que se achavam no Castello se determináram a sair ao mesmo tempo, que começou o primeiro rumor (como Mathias de Albuquerque, que estava preso por vir injustamente capitulado do governo das Armas de Parnambuco, lhes aconselhava) ficára muito duvidoso o successo da empreza, e quando se conseguira, fora á custa de muito sangue, porque os Castelhanos que andavam espalhados pela Cidade (que eraõ em grande numero) achando corpo a que se unir, pudéram fazer duvidosa opposição, e o Povo se virá que os confederados achavam resistencia, difficilmente se declarára; porque poucos são os corações, que se arrojam voluntariamente aos perigos sem alguma esperança da victoria. Mathias de Albuquerque vendo que os Castelhanos não aceitavam o seu primeiro parecer, como era Conselheiro de guerra, e não sabia a causa do rumor, fez cerrar as portas, e guarnecer as muralhas, querendo prevenir a artilharia. Chegou a primeira ordem da Duqueza de Mantua a que obedeceo D. Luiz del Campo, ainda que entendeu, que a Duqueza a passára violenta. Veio segunda ordem para que se não fortificasse o Castello, a qual considerando Mathias de Albuquerque se recolheu ao seu apozento, tendo já noticia de tudo o que havia passado, de que lhe resultou a maior alegria, vendo occasião de ter exercicio o seu grande prestimo em utilidade da sua Patria. Naquelle noute se arrimáram ao Castello todas as Companhias da Ordenança, e no dia seguinte á tarde chegou D. Alvaro de Abranches, Thomé de Sousa, e D. Francisco de Faro com ordem da Duqueza para D. Luiz del Campo entregar o Castello: pareceo-lhe a elle que não vinha muito distincta; apontando as duvidas, se lhe passou como a pedio. Tanto que lhe chegou a ordem mandou abrir as portas, entrou dentro D. Alvaro, e os mais que o acompanhavam, e tomou posse do Castello, que os Governadores lhe haviam entregue até que El-Rey chegasse; soltou Mathias de Albuquerque, e Rodri-

Entrega-se o
Castello.

Anno

1640.

go Botelho Conselheiro da Fazenda, que tambem estava prezo por huma pendencia, que teve com hum Mercador. Mandou D. Alvaro lançar bando, que os Soldados Castellanos que quizessem ficar servindo a ElRey D. Joaõ se lhes pagaria pontualmente, apontando-se-lhes outras commodidades: aceitáraõ muitos, os mais sahiraõ formados, privilegio da capitulaçaõ, que fizeraõ: alojaraõ os nas Tercenas, sitio fóra da Cidade, e deraõ-lhes logo passaportes para que divididos passassem para Castella. D. Luiz del Campo tanto que chegou a Madrid o mandou ElRey prender; vendo perdida a honra, perdeu o juizo; se fizera esta consideraçaõ antes de entregar o Castello, pudera evitar huma, e outra desgraça.

No mesmo dia, que o Castello, se renderaõ as Torres de Belem, Cabeça secca, Torre velha, Santo Antonio, e o Castello de Almada; receberaõ ordem da Duqueza de Mantua, e sem resistencia alguma se entregaraõ, fazendo o medo o effeito, que naõ pudera facilmente conseguir o poder dos confederados. A Duqueza de Mantua mandáraõ os Governadores sahir do Paço para o de Xabregas, acompanhada do Marquez de la Puebla, que lhe assistia ao Governo, do Conde Baineto seu Estribeiro mór, e da mais gente de que se compunha a sua familia. Haviaõ os dous sido prezos, e D. Diogo de Cardenas Mestre de Campo General, Thomás de Hibio Calderon Conselheiro da Fazenda, D. Diogo da Rocha Juiz do Contrabando, e D. Fernando de Albia e Castro Conselheiro da Fazenda; no mesmo Sabbado da acclamaçaõ intentáraõ D. Diogo de Cardenas, e o Marquez introduzir-se no Castello primeiro que se rendesse, naõ lhes foy possivel confegillo, de que mostráraõ grande sentimento, persuadidos a que, se defendessem o Castello, poderiaõ divertir a empreza, ou ao menos aguardar nelle o soccorro d'ElRey Catholico. A Duqueza de Mantua acompanhada do Arcebispo de Braga chegou ao Paço de Xabregas, esteve neste aposento até que a mudáraõ para o Convento de Santos, que succedeo dentro de breves dias, e em huma, e outra assistencia foy decorosamente servida, e respeitada. Tanto que no dia da acclamaçaõ se executou felicemen-

Rendem-se as Torres.

Retira-se a Duqueza ao Paço de Xabregas.

Prendem-se os Ministros de Castella.

Anno

1640.

*Parte Pedro de
Mendoça, e Jorge
de Mello a
dar conta a El-
Rey.*

Parte a Lisboa.

*He acclamado
em Evora, e nos
mais Lugares
de Alemtejo.*

*Entra ElRey em
Lisboa, he rece-
bido com uni-
versal applauso*

te tudo o que fica referido, partio Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello pela posta com avizo a ElRey da fortuna, com que se conseguiria taõ ardua, e taõ gloriosa empresa. Chegáraõ a Villa Viçosa á segunda feira a tempo que ElRey queria entrar a ouvir o Sermaõ na sua Capella, de-raõ-lhe a nova, beijaraõ-lhe a maõ, e mandou sem se perturbar que se continuasse a solemnidade, socego que bastára para o fazer digno da Coroa: porém o alvoroço naõ deo lugar a se seguir esta ordem, e ElRey vendo quan-to convinha partir-se com brevidade para Lisboa, se meteo em hum coche acompanhado nelle do Marquez de Ferreira, e do Conde de Vimioso, (que ja com o avizo da acclamação haviaõ chegado, tendo primeiro solemne-mente acclamado a ElRey em Evora) de Pedro de Men-doça, e Jorge de Mello; e a cavallo, de alguns criados de sua casa. Sem mais tropas que o seguissem partio ElRey para Lisboa a tomar posse de hum Reino, que os Reys de Castella, formidaveis a todo o mundo, senhorearaõ sessenta annos, e haviaõ de pretender restaurar como a pedra de maior valor da sua Coroa: porém ja esta reso-lução era penhor das felicidades que depois confeguiu. As Villas de Montemór, e Arrayollos, por onde ElRey pas-sou, e os mais lugares da Provincia de Alemtejo a que fez avizo, antes que sahisse de Villa Viçosa, o acclama- raõ com as demonstraçoens mais alegres que lhes foy pos-sivel. A quarta feira chegou ElRey a Aldea Gallega, onde achou que o esperavaõ muitos Fidalgos, e outras pessoas Ecclesiasticas, e Seculares: recebeo a todos taõ benigna-mente, que na primeira acção confeguiu entregarem-lhe nos coraçõens as liberdades, e as fazendas. Na manhã de quinta feira se embarcou, e ás nove horas chegou a Ponte da casa da India. Estavaõ no Paço os Governadores, e como naõ esperavaõ ElRey taõ brevemente, tanto que se es-palhou a nova de que era chegado correo ao Paço, e ao Terreiro tanta gente, e foy de sorte o alvoroço, e as vozes alegres do Povo que por instantes lhe era necessario che-gar ElRey ás janellas; porque a sede de seos Vassallos se-naõ satisfazia vendo-o repetidas vezes. Naquella tarde beijáraõ a maõ a ElRey todos os Tribunaes, e accrescen-

tou a alegria levantar por seis mezes o Auditor da Legacia o Interdição, que o Colleiitor havia deixado, porém com este occulto privilegio. Multiplicou-se o contentamento com os avizos de todas as Cidades, Villas, e Lugares do Reino, que confirmavaõ não haver parte alguma, que sem mais especulaçãõ, que a do alvoroço, não fizesse ostentaçãõ da sua fidelidade, (succello raras vezes acontecido no mundo) havendo só em Alemtejo alguns Lugares, que tiveraõ anticipada noticia do que se tratava, e sendo tantos os das outras Provincias, que confinavaõ com varios Lugares da Monarquia de Castella. Mas como Deos havia disposto a separaçãõ destes dous Reinos, decretou, que anoitecendo o ultimo de Novembro, unidos com o dominio de Castella, parentes com o trato, amigos com o comércio, enlaçados com os interesses, a manhã do primeiro de Dezembro, o mesmo golpe, que cortou a vida a Miguel de Vasconcellos, universalmente facodisse o dominio, desfataste o parentesco, quebrasste a amizade, defunisse os interesses; que a primeira voz, que acclamasse ElRey D. Joaõ em Lisboa, foasste em todo o Reino, voasste a todas as Conquistas, e como se os instrumentos estivessem acordados fizesse em todos os animos Portuguezes a mesma consonancia; grande havia de ser a incredulidade para se não conjecturar da felicidade do principio desta empreza a fortuna do remate della. Santarém foy o primeiro Lugar, que acclamou ElRey sem receber carta de Lisboa. Em Coimbra recebendo-a, foraõ excessivas as demonstrações. O Porto duvidou, mas reduzio-se em breves horas. O Castello de Viana, guarnecido de Infantaria de Castella, se poz em defensa, atacaraõ-o, e renderaõ-o galhardamente os moradores, ajudados de alguma gente de Braga, Guimarães, e outros Lugares. Em Setubal o Castello de S. Philippe, e a torre de Outaõ resistiraõ oito dias, passados elles, se entregaraõ. O Reino do Algarve, que governava Henrique Correia da Silva, obrando grandes finezas a sua diligencia, se defunio de Castella; e finalmente todos os Lugares, que eraõ demarcações antigas, e separaçãõ dos Reinos, acclamaraõ o novo Rey. Para coroar a obra, e ElRey se Coroar sem cuidado

Anno

1640.

*Levanta-se o Interdição,**Daõ obediencia a ElRey todas as Provincias,**Rende-se o Castello de Viana.**Os de Setubal depois de alguma resistencia.**Segue o mesmo exemplo o Reino do Algarve.*

118 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno

1640.

Sitio de S. Gíão.

dado algum, faltava só para render a Fortaleza de S. Gíão, huma das mais excellentes de Europa, assim pela fortificação por ser quasi inexpugnavel, como pelo sitio, por dominar todos os navios, que entraõ pela barra de Lisboa. Tanto que deraõ lugar as muitas difficuldades, que milagrosamente se venceraõ, mandou ElRey a D. Francisco de Sousa, que juntando á gente, de que estava feito Mestre de Campo, o numero maior dos soldados da Orde nança; que lhe fosse possivel, marchasse a atacar a Fortaleza de S. Gíão: he pouco o sitio, que elle dá á terra para a expugnação, porém este tem hum monte taõ vizinho, que fica padraõ á Fortaleza. Levantou-se nelle hum reducto, e começaraõ a jogar quatro meios canhões com pouco effeito, e deo principio com menos sciencia hum infructuoso aproche Governava a Fortaleza o Tenente D. Fernando de la Cueva, o qual logo despachou avizo por hũ a Caravela ao Duque de Maqueda, General da Armada d'ElRey Catholico, pedindo-lhe soccorro, de que pouco necessitara em muitos mezes, se quizera defender-se, tendo na Fortaleza mantimentos, e munições em grande quantidade, e seiscentos soldados, bastante presidio para a pouca terra, que defendiaõ, e para resistir á insufficiencia dos expugnadores. Estava prezo na Fortaleza, por ordem d'elRey Catholico, D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre; havia passado ao Brasil no anno antecedente com a poderosa Armada, a que se unio a de Castella, com o fim de restaurar Parnambuco, como ja referimos. Chegando o Conde a Lisboa o prenderaõ, e antes de ser sentenceado lhe tiraraõ o Titulo, e todas as mercês, que lhe haviaõ feito quando se embarcou. Vendo pois aberto o caminho de conseguir, com a liberdade do Reino, a sua liberdade, e a importancia daquella Fortaleza, se resolveo a propor ao Tenente os grandes interesses, que lhe podiaõ resultar querendo entregalla, offerecendo-se-lhe taõ boa occasiaõ, como naõ haver outro Lugar no Reino, que naõ estivesse rendido. Ouvio o Tenente a pratica com bom rosto, fomentou-a o Conde, ajustaraõ a recompensa, e celebrou-se a entrega da Fortaleza a doze de Dezembro depois de se dispararem por concerto, e sem dãno, algũas peças de artilharia

tilharia de hũa, e outra parte. Tomou posse da Fortaleza D. Francisco de Sousa : (dous dias antes se havia rendido a de Cascaes a D. Gastaõ Coutinho) ao Tenente satisfez ElRey com huma Cõmenda, e outras mercês a resolução que tomou mais util, que briota. Do avizo que havia feito ao Duque de Maqueda resultou despedir logo tres Sétias, e hum barco longo á ordem de D. Sabiniano Manrique com Infantaria, e munições. Chegou á barra dia de Natal, e saltou em terra sem se acautelar, acompanhado de hum Capitaõ, e dez soldados; foraõ vistos, e logo presos, as embarcações reconhecendo esta desgraça se retiraraõ. O mesmo successo teve o batel de hum avizo, que veio seguindo as Sétias com maior socorro; o Capitaõ delle mais acautelado, mandou reconhecer por nove Soldados a quem a Fortaleza obedecia; perguntaraõ o elles do batel, responderaõ-lhe da Fortaleza, que a ElRey de Castella; enganados desta confiança saltáraõ em terra, ficaram presos, e o navio livre de algumas ballas que lhe tiráraõ se voltou para Cádiz. Outro de Canarias entrou pela barra obrigado de hum temporal, trazia algumas pessoas principaes com suas familias; a todos mandou ElRey dar passaporte para Castella.

Anno

1640.

*Entrega-se São
Gião.*

*Prizaõ de Dom
Sabiniano Manrique.*



Anno
1640.



HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO.
LIVRO III.

SUMMARIO.



URAÕ a El Rey os Tres Estados do Reino. Solemnidade do Juramento. Eleiçãõ de Officiaes da Casa, e Ministros para o Governo. Entraõ em Lisboa a Rainha, Principe, e Infantes. Chegaõ á Corte os Fidalgos divididos por todo o Reino. Chama El Rey a Cortes, onde foy jurado, e o Principe D. Theodosio por Herdeiro, e Successor deste Reino. Levanta os tributos postos por Castella. Ajustaõ-se em Cortes os meios para a defenza do Reino. Passaõ-se alguns Fidalgos para Castella. Altera-se o Povo, que El Rey socega com prudencia. Acclama-se El Rey na Ilha da Madeira.

Anno
1640.

deira. Seguem as mais este exemplo. Defendem-se os Castelhanos no Castello da Ilha Terceira: fúiaõ-o os moradores, e entrega-se. Chega a nova da Acclamação d'ElRey ás Praças de Africa: obedece-lhe Mazagaõ, e o Reino de Angola. Duvida Tangere; e Ceuta nega a obediencia. He acclamado em todas as Praças da América, e em todo o Dominio da Asia. Breve relação do Estado da India. Disposições do Governo d'ElRey. Manda Embaixadores aos Principes da Europa. Noticia dos acontecimentos de todos. Nobre empreza do Conde de Castel-Melhor em Cartagena. Successos do Infante D. Duarte, sua prizaõ, e morte.

EM quanto se acabavaõ de vencer tantas difficuldades, sendo as diligencias mais poderofas que as contradicções, preparava Lisboa a solemnidade de Coroar ElRey, e dar-lhe em nome de todo o Reino juramento de obediencia, e fidelidade. Disposto tudo o que era necessario para se celebrar este acto, se levantou a quinze de Dezembro no Terreiro do Paço hum theatro, que igualava com as varandas do mesmo Paço, adornado magnificamente. Baixou ElRey a elle com todas as insignias Reaes, acompanhado da Nobreza, e pessoas principaes da Corte na fórma dos Reys de Portugal. Vinhaõ exercitando os officios da Casa Real todos aquelles que por privilegios antigos tinhaõ occupaçaõ nella, conciliando ElRey os animos de seos Vassallos na observaçaõ da justiça que guardava áquelles, em que primeiro se exercitava o seu poder. Era Mordomo mór D. Manrique da Silva Marquez de Gouvea, Camareiro mór João Rodrigues de Sá Conde de Penaguiaõ, Estribeiro mór Luiz de Miranda Henriques, e Veador D. Pedro Mascarenhas filho mais velho do Marquez de Montalvaõ. Servia de Meirinho mór D. João de Castello branco por seu irmão, que havia ficado em Madrid, de Guarda mór Pedro de Mendoça, de Alferes mór Fernão Telles de Meneses. Vinha o Marquez de Ferreira com o esto-

que

Fôrma do juramento d'ElRey.

Officios da Casa Real.

Anno
1640.

que desembainhado exercitando o officio de Condestavel. Elegeo ElRey por Secretario de Estado Francisco de Lucena, merecida occupação da sua grande capacidade. Sahio ElRey vestido de rizzo pardo bordado de ouro com botões, e cadea de diamantes, trazia ópa de tela branca semeada de ramos de ouro, sustentava-lhe a falda, que largamente se extendia, o Camereiro mór. Sentou-se debaixo de hum docel em lugar alto adornado das insignias Reaes, e depois de tomarem os que lhe assistiaõ os lugares que lhe tocavaõ, fez huma Oração muito eloquente o Doutor Francisco de Andrade Leitão Desembargador dos Aggravos. Mostrou nella com prudentes razões a justiça com que os Tres Estados do Reino restituiaõ a ElRey, que estava presente, a Coroa, usurpada á Duqueza D. Catharina sua Avó por Philippe II Rey de Castella; fez presente a ElRey a vontade com que os Povos offereciaõ, pelo defender, e perpetuar na Coroa, as vidas, e as fazendas; e aos Povos a resolução com que ElRey determinava expor-se aos maiores perigos pela conservação da sua liberdade. Acabada a Oração, se seguiu o juramento a que deo principio Dom Miguel de Noronha Duque de Caminha. Foy ElRey Dom João jurado por legitimo successor dos Reinos, e Senhorios de Portugal para si, e seos descendentes, e prometteo a seos Vassallos de lhes guardar todas as isenções, e franquezas que lhes foraõ concedidas pelos Reys seos antecessores. Rematou-se o acto desentrolando o Alferes mór a bandeira, e dizendo tres vezes: Real por ElRey D. João quarto, Rey de Portugal: a que com repetidos vivas respondeo todo o Povo. Feita esta ultima cerimonia, desceo ElRey ao Terreiro, montou a cavallo debaixo de hum Palio, acompanhado a pé de toda a Nobreza descoberta, levando-o de redea D. Pedro Fernandes de Castro, em ausencia do Conde de Monsanto Alcaide mór de Lisboa. Na Praça do Pelourinho estava hum theatro muito bem adereçado: parou ElRey diante delle, e ouvio hũa Oração ao Doutor Francisco Rebello Homem Vereador da Camera, que continha o alvoroço do Povo, e a resolução de defender empreza taõ gloriosa. Acabada a Oração, lhe entregou as chaves da Cidade o Conde de

*Oração do Dou-
tor Francisco de
Andrade Leitão*

*Oração de Frã-
cisco Rebello Ho-
mem Vereador
da Camera.*

Canta-

Anno
1640.

Cantanhede Presidente do Senado. Continuou ElRey o caminho á Igreja Cathedral da Sé, onde se apeou a dar graças a Deos. Cantáraõ os Musicos o *Te Deum laudamus* entre vivas, e lagrimas alegres de todo o concurso. Voltou ElRey ao Paço com repetido applauso, e alegria de toda a Corte, desprezando todos os perigos, que ameaçavaõ o Reino, e a consideraçãõ da offenta feita a hum Rey vizinho, e poderoso. ElRey naõ dilatou, como era necessario, nomear Ministros para o Governo, que logo continuou com a vigilancia, e attençaõ, que pediaõ os muitos accidentes, que por horas sobrevinhaõ, e as grandes prevenções de que estava pendendo o empenho, em que se achava. Nomeou para o despacho de todos os dias ao Arcebispo de Lisboa, e ao Visconde D: Lourenço de Lima; dentro de poucos dias ao Marquez de Ferreira; passado mais tempo ao Marquez de Gouvea. Além destes para o Conselho de Estado ao Arcebispo de Braga, ao Inquisidor Geral, ao Marquez de Villa Real, que ja por Castella tinhaõ este exercicio, ao Conde do Vimioso, a seu irmaõ Dom Miguel de Portugal Bispo de Lamego, e ao Marquez de Ferreira. O Conselho de Guerra, Presidencias, e mais occupações da Corte, repartio ElRey pelas pessoas de maior mericimento. Os Governos das Armas, e mais Postos Militares entregou aos fogeitos, de que adiante daremos noticia, quando dermos principio aos successos da guerra. Dia de Natal pela manhã passou ElRey a Aldea-Galega (Villa que com tres leguas de distancia divide de Lisboa o Tejo, opulento com as aguas do Oceano com que se communica) a esperar a Serenissima Rainha Dona Luiza de Gusmaõ sua mulher, que para maior alegria dos Portuguezes trazia consigo seu filho mais velho o Principe D. Theodosio, e as Infantas Dona Joanna, e Dona Catharina. Acompanhava a Rainha o Marquez de Ferreira, que havia partido a buscalla, Dom Vasco da Gama Conde da Vidigueira, e Dom Francisco Coutinho Conde do Rodondo. Elegeo a Rainha por sua Camereira mór a Marqueza de Ferreira; nomeou ElRey por seu Mordo no mór a D. Sancho de Noronha Conde de Odemira; deo-lhe para Estribeiro mór a D. Luiz de Noronha;

Elege Ministros.

Chega a Rainha
a Aldea GalegaEntra em Lis-
boa, e formase-
lhe a Casa.

e a Pedro da Cunha, que era seu Tenente, fez seu Veador. Entrou a Rainha em Lisboa com universal contentamento: nomeou logo por Aya do Principe, e Infantas a D. Marianna de Alancaestre, viuva de Luiz da Silva; ornou o Palacio das mais qualificadas, e formosas Damas da Corte, e dos Mininos mais illustres, primeira desconfiança dos Castelhanos, discursando prudentemente, que os altivos animos dos Fidalgos de Portugal não entregavaõ seus filhos a servir, senão a hum Rey, a quem determinavaõ defender.

No tempo, que ElRey se acclamou assistiaõ varios Fidalgos retirados da Corte em Lugares differentes, molestados do governo de Castella, e todos com sũma diligencia concorreraõ a celebrar a nova liberdade. Era hum delles D. Fernando de Menezes, irmaõ mais velho de D. Luiz de Menezes, Author desta historia: havia passado a Madrid, e trocando pelo exercicio militar o requerimento do Titulo de Conde, que lhe estava concedido, se resolveo a acompanhar o Marquez de Lagañes, que passou naquelle anno a Italia, achando-se dous annos continuos nas occasiões mais importantes daquelle exercito, se retirou a sua casa, obrigado de huma grande enfermidade, sem ElRey D. Philippe lhe deferir ao requerimento, nem lhe satisfazer as finezas executadas em seu serviço. Chegou-lhe ao Lourical (Lugar, que dista seis leguas de Coimbra, no qual assistia) a nova da acclamação d'elRey: no mesmo dia partio para Lisboa, acompanhando-o seu irmaõ D. Diogo de Menezes, que foy dos primeiros soldados, que valerosamente se oppozeraõ em Alemtejo á invasaõ dos Castelhanos, e dos primeiros Vassallos da sua esfèra, que gloriosamente deraõ a vida pela liberdade da sua Patria. Chegaraõ brevemente á Corte, onde ElRey os recebeu com a affabilidade herdada na Coroa; pois foraõ sempre os Reys de Portugal igualmente Senhores, e Pays de seus Vassallos: politica de que lhes resultou alargarem tanto os Ramos da Planta Portugueza, que recolheiraõ enxertados mais preciosos fructos, que aquelles de que tiraraõ o primeiro alimento. Seguiu a D. Fernando de Menezes toda a sua familia, e poucos dias depois de ha-

Anno
1640.

*Concorrem õs
Fidalgos de fó-
ra a dar obedi-
encia a ElRey.*

Anno
1640.

haver chegado á Corte, offereceo D. Luiz de Menezes seu irmão ao serviço do Principe D. Theodosio, tendo a mesma idade, que sua Alteza, que eraõ sete annos. Foy esta a sua primeira, e maior fortuna, criando-se com a doutrina deste excellente Principe, a que assistio oito annos continuos, alcançando sem differença o maior favor seu, para que padecesse eterna saudade da sua gloriosa vida na sua intempestiva, e lamentavel morte. Mostrava o Principe nas primeiras inclinaçoens o seguro alicerse, em que se fundáraõ as esclarecidas virtudes, que depois resplandeceraõ no seu animo. Era seu Mestre D. Pedro Pueros, Irlandez de nação, virtuoso nos costumes, pratico nas sciencias. Dava o Principe lição de Latim, a que D. Luiz assistia, para que a curiosidade se incitasse com a competencia: depois desta lição tinha o Principe hora dedicada para ouvir ler a historia (hum dos mais uteis exercicios, que merecem levar o tempo) porque na historia se encontraõ virtudes para imitar, vicios de que se deve fugir, exemplos que provocaõ o valor, fortunas que incitaõ o animo, desgraças que moderaõ o espirito. Cultiva de forte o ingenho, que he na tenra idade flor, nos maduros annos fructos; e ultimamente sem controversia he o melhor emprego de todas as potencias da Alma, occupa mais utilmente a memoria, engrandece mais nobremente o entendimento, sujeita mais virtuosamente a vontade. O divertimento, que o Principe buscava para o trabalho destes nobres exercicios era aprender a pintar, e a fabricar hum rologio, sendo grande credito da sua virtude valer-se de taõ insignes artes para desafogo das melhores liçoens, e veio a conseguir, formando-o a natureza taõ perfeito, achar nelle disposiçoens para ter ciumes a arte. Nas ultimas horas do dia formando dos mininos, que lhe assistiaõ, huma Companhia, de que era Capitão, bebia suavemente a disciplina militar, e no manejo das armas hia fortalecendo o corpo: e porque aquelle, que naceo para passear o mundo, pouco importa que seja delicado; quem o ha de sustentar sobre os hombros convem; que os crie robustos. Estas primeiras disposiçoens conseguiraõ pelo tempo adiante, que o Principe nos breves annos de sua vida viesse

se a não largar a penna da mão que sustentava a espada, uniaõ taõ util, como ensina a setta, com a penna voa o ferro que ha de ferir. Nestes, e outros semelhantes exercicios cultivava os primeiros annos, servindo-lhe de verdadeira doutrina os varios casos que via na Corte, e successos que ouvia da guerra, aprendendo igualmente na pratica, e na theorica.

Chegou a Madrid a nova de ser acclamado o Duque de Bragança Rey de Portugal a sete de Dezembro, despedio o avizo o Corregedor de Badajoz, mas como foy com as primeiras noticias, e o caso era taõ singular, hia taõ confuso que não dava lugar a alguma resoluçãõ: servio só de despacharem correios a varias partes para se anticiparem algumas prevençoens, e de se avizar ao Imperador de Alemanha, pedindo-lhe mandasse ter cuidado na pessoa do Infante D. Duarte. O Secretario Diogo Soares receando o perigo, que lhe occasionava taõ grande golpe, despedio hum confidente com ordem que averiguasse em Lisboa a verdade do successo; tanto que chegou foy logo preso, e declarando a causa da sua jornada, o soltárãõ sem castigo. Fez maior a confusãõ da Corte de Madrid chegar a ella o Conde de Figueiró, que havendo partido de Lisboa os ultimos dias de Novembro, não dava noticia da acclamaçãõ. O primeiro que tirou a duvida foy hum Castelhana criado d'ElRey D. Joã que o servia em Villa-Viçosa, o qual se passou para Castella a dar noticia de tudo o que havia acontecido. Tanto que se rompeo em Madrid esta certeza, os Fidalgos Portuguezes que se achavaõ naquella Corte se foraõ offerecer a ElRey para a Conquista de Portugal, os mais delles com o coração na defenfa da sua Patria, como, passado pouco tempo, justificárãõ, e contando os que assistiaõ em Madrid, e os que andavaõ repartidos em varias partes servindo ElRey de Castella, eraõ oitenta os que se achavaõ fóra deste Reino, entrando nelles alguns Ecclesiasticos, grande numero para faltar em Reino taõ pequeno. A historia hirá dando noticia a seu tempo dos nomes de todos. Repartio ElRey D. Philippe os juros que vagáraõ das pessoas que ficárãõ em Portugal por muitos destes Fidalgos, não passando cada

meZ

Anno

1640.

Chega a Madrid a nova da acclamaçãõ.

Offercem-se os Fidalgos que estavam em Madrid a ElRey de Castella.

Anno

1640.

*Discursos sobre
a Conquista de
Portugal.*

mez o maior dispendio de tres mil reales. Foraõ varios os juizos que se fizeraõ em Madrid sobre o remedio que se havia de applicar a materia taõ importante : os de melhor discurso eraõ de parecer que o exercito de Catalunha (injusto castigo daquella Provincia, e motivo principal da resolução que os Portuguezes tomaraõ) passasse logo a Badajoz, porque sem duvida lograria no primeiro impulso a Conquista de Portugal, que passado mais tempo seria difficil empresa. Cegou Deos o Conde Duque desordenadamente apaixonado contra os Catalaens pelas razoes referidas, e resolveo que se continuassem os progressos de Catalunha; e em verdade que julgada esta materia pelos meios humanos, parece que fora muito difficultosa a defenfa de Portugal, faltando nelle quasi totalmente soldados, disciplina, cavallos, armas, e dinheiro; mas como todas as disposiçoens eraõ encaminhadas pelo Autor das acçoens humanas, para desempenho da palavra dada a ElRey D. Affonso Henriques no Campo de Ourique, era preciso que os absurdos dos Castelhanos dispuzessem os nossos acertos. Adiante daremos noticia dos Cabos, e das tropas que distribuiraõ pelas fronteiras de Portugal.

Anno

1641.

*Chama ElRey
D. João a Cor-
tes.
He jurado El-
Rey, e o Princi-
pe
Oraçaõ de D.
Manoel da Cun-
ha Bispo de
Elvas.*

Entrou o Anno de 1641. e chamou ElRey Cortes para vinte e oito de Janeiro, concorreraõ todos os Procuradores das Cidades, e Villas deste Reino que tem voto nellas. Celebrou-se o Acto na sala dos Tudescos com as ceremonias costumadas. Juraraõ os Tres Estados a ElRey por legitimo Senhor destes Reinos, e por Principe, e successor seu ao Principe D. Theodosio que estava assentado debaixo do docel junto a seu pay. Orou discretamente Dom Manoel da Cunha Bispo de Elvas, encareceo na Oraçaõ a ElRey o amor dos Povos, pois voluntariamente dedicavaõ a seu serviço, e defenfa as vidas, e as fazendas: mostrou aos Povos a resolução, com que ElRey se esquecia de todos os perigos só por attender á sua conservação, e liberdade, e chegando com elles ao ultimo extremo entregava á sua confiança o Serenissimo Principe D. Theodosio seu filho mais velho, e nelle melhor Trajano, successor do melhor Nerva. Com estas, e outras eloquentes

Anno

1641.

*Primeira proposi-
ta em que se le-
vantão os tri-
butos.*

quentes razões deo fim á Oraçaõ. Depois de acabada se continuou o Juramento, observando-se os estylos antigos, e o ultimo que jurou deo fim ás ceremonias daquelle dia. No seguinte voltou ElRey sem o Principe seu filho ao mesmo lugar com igual apparatus ao dia antecedente. Fez o Bispo D. Manoel da Cunha segunda pratica, e primeira proposiçaõ de Cortes. Suavizou os corações dos Povos publicando por ordem d'ElRey, que havia por levantados todos os tributos impostos por ElRey de Castella, prudente resoluçaõ para enlaçar em maiores empenhos os animos generosos dos Portuguezes. Exhortou o Bispo a uniãõ, e desinterelle particular, achando proprio exemplo em o navegante, o qual se por attender ás suas conveniencias se descuida do governo do navio, perigaõ na sua defatençaõ não só a propria vida, e o proprio cabedal, mas as vidas, e os cabedaes de todos os passageiros. Deixou da parte d'ElRey á eleiçaõ dos tres Estados do Reino os meios mais proporcionados para a sua defenõsa, offerecendo para o dispendio da guerra todo quanto dinheiro lhe sobejasse de huma pequena porçaõ, que exceptuava para o sustento da Casa Real, e todas as joias, e prata lavrada, que havia nella, e na de Bragança. Acabada esta Oraçaõ, respondeo a ella da parte dos Povos o Doutor Francisco Rebello Homem Vereador da Camera. Continha a resposta dar as graças a ElRey de anticipar aos Povos a mercê de lhes levantar os tributos, e offerecer da parte dos Povos em recompensa deste beneficio as vidas, e as fazendas de todos para defenõsa, e segurança do Reino. Acabado o acto das Cortes, ordenou ElRey que em tres Conventos se juntassem divididos os Tres Estados. Em S. Domingos o Ecclesiastico: a Nobreza em Santo E'oy: em S. Francisco os Procuradores dos Povos. Depois de algũas conferencias, que de hũa parte a outra se cõmunicavaõ, maneando os trinta da Nobreza, que sempre se costumãõ eleger, facilmente todas as materias, não havendo animo algum, que não se achasse disposto a obrar as maiores finalidades. Ajustaraõ que para guarnecer as Fronteiras se levantassem vinte mil Infantes e quatro mil Cavallos; e feito o cõputo da dispeza, que podia fazer este Exercito, se

*Resposta do Dou-
tor Francisco Re-
bello Homem.**Resoluçaõ das
Cortes para a
defenõsa do Reino*

Anno
1641.

achou; que bastaria para o sustentar hum milhaõ e outo centos mil cruzados : porém, apurada a conta, e conhecendo-se que a despeza era desigual á receita, concordáraõ, depois de passado algum tempo, em dar a ElRey dous milhões. Para satisfação deste cómputo dedicáraõ as decimas de todas as fazendas, naõ se exceptuando genero algum de pessoa, que deixalle de contribuir a dez por cento, de qualquer qualidade de fazenda de que fosse senhor, exceptuando-se os Ecclesiasticos, que voluntariamente offereraõ das suas rendas hum certo cómputo em cada Bispa-do, confórme o rendimento delle. Os seculares que occupavaõ officios, tinhaõ trato, ou logravaõ algũa mercê : pagavaõ os que tinhaõ officios confórme o que elles rendiaõ, aos que tratavaõ se orçavaõ os generos; das mercês se tirava nas Chancellarias de cinco hum, metade para pagamentos das folhas; o que restava applicado para as despesas da guerra. Os Vereadores da Camera de Lisboa accrecentaraõ tres reis a dous que pagava cada arratel de carne : ao vinho quatro, de tres que contribuia; que sendo a Cidade taõ populosa, e taõ abundante, fazia grande sõma. Estes foraõ os tributos em que os Povos voluntariamente se conformáraõ. Accrecentaraõ-se despois que a guerra fez maiores despezas : monstro taõ formidavel, que nem do alimento se contenta, nem do sangue se enfastia, sendo os que mais favorece os primeiros que sacrifica. Despedio ElRey as Cortes, dando-se por satisfeito da contribuiçaõ dos Povos, e os seus Procuradores partiraõ com varias mercês contentes, e obrigados á grandeza d'ElRey. Ficou instituida a Junta dos Tres Estados apontando-se Ministros de cada hum delles para a distribuiçaõ dos tributos, de que resultou a ElRey, e ao Reino grande utilidade.

Sem contradicçaõ nem azar da fortuna tinha ElRey Dom Joaõ lançado as primeiras pedras no edificio de que era Senhor, e havia sido Arquitecto : porém como até o mesmo Filho de Deos naõ achou doze homens, que com fó hum coração o servissem, e sem variedade nos affectos lhe obedecessem, experimentou ElRey a primeira molestia na resoluçaõ que cegamente tomáraõ alguns Fidalgos daquelles mesmos, que com o laço do juramento ha-

viaõ

*Despedem-se as
Cortes.*

*Institui-se a
Junta dos Tres Estados.*

viaõ atado a sua fidelidade, e com a quebra do juramento destruíraõ a sua opiniaõ, naturalizada por tantos alcendentes, que escurecendo a gloria passada com o seu desacerto, naõ só se prejudicáraõ a si proprios, mas deixáraõ aberto o caminho a outros, que trocáraõ os triunfos em espectaculos. He verdade que a empresa começada tinha as esperanças longe, e os perigos perto: porém se os que desmaiavaõ tomaraõ por espelho o sangue Portuguez, de que se revestiaõ, desprezaraõ as difficuldades, tendo por natureza arrojam-se a impossiveis: mas parece que obrou nelles a desconfiança de naõ entrarem na acclamaçaõ, (defeito que tem prejudicado muito ás generosas acções Portuguezas) Sirva-lhes de desculpa o que em outros foy vicio; e entenda-se que esta foy a causa de se passarem a Castella, para nos excuzar-mos de referir os absurdos de que foy mappa o seu desacerto. Foraõ os que tomaraõ esta infelice reoluçaõ Dom Duarte de Menezes Conde de Tarouca, seus filhos Dom Luiz de Menezes, e D. Estevão de Menezes, sendo este de tenra idade, e que depois passando-se a Portugal mostrou generosamente, que só a falta do discurso pelos poucos annos que tinha o obrigara a deixar a sua Patria: D. Joaõ Soares de Alarcão Alcaide mór de Torres Vedras, Mestre Sala d'El-Rey: Dom Pedro Mascarenhas seu Veador, e D. Jeronymo Mascarenhas Deputado entaõ da Mesa da Consciencia, em quem durou o odio ainda depois que conseguimos a paz, e viveo taõ arraigado no seu peito contra a propria Patria, que os mesmos Castelhanos que lhe pagaraõ com grandes lugares as finezas, que havia feito, abominavaõ, e desprezavaõ a sua contumacia: eraõ os dous filhos do Marquez de Montalvão, que assistia por Vice-Rey do Brasil, os outros que se passaraõ para Castella com estes, foraõ D. Lopo da Cunha, e seu filho D. Pedro Luiz da Silva filho de Lourenço da Silva, que por cego naõ exercitava a occupação de Regedor da Justiça, para o que seu filho esperava idade. Cõmunicaraõ estes Fidalgos entre si o intento infelice que haviaõ abraçado, sendo Frey Manoel de Macedo Religioso de S. Domingos incentivo da sua determinaçaõ, e medianoiro do seu designio. Para

Anno
1641.

Passaõ-se a Castella alguns Fidalgos.

Anno
1641.

facilitallo se lhe offereceo occasiã oportuna: porque ElRey naõ derogando mercê alguma feita por Castella, mandou a D. Joaõ Soares, que fosse a governar Ceuta, ao Conde de Tarouca Tangere, Lugares para que estavaõ nomeados antes d'ElRey se acclamar. Tomou ElRey esta determinação sem ponderar a incerteza desta diligencia, naõ constando até aquelle tempo o partido que aquellas Praças determinavaõ seguir. Havendo recebido os dous Capitães de Ceuta, e Tangere as ordens necessarias, ajustaraõ com os mais referidos, que depois de estarem embarcados, ao tempo de dar á véla se metessem em hum bargantim, que se havia tomado aos Castelhanos, e que ElRey tinha dado ao Conde de Tarouca por lho haver pedido para o ter em Tangere, e se introduzisse em hum de dous navios, que levavaõ. Ministrou hum accidente este concerto; porque achando-se D. Lopo da Cunha com o Conde dos Arcos em huma pendencia que teve com hum Corregedor do Crime, depois de prezo o Conde, se retirou D. Lopo ao Convento de Belem, onde se juntáraõ os mais concertados na jornada, tomando o pretexto de lhe assistirem no homizio.

A sete de Fevereiro, que era o dia destinado para a execuçaõ, se embarcáraõ o Conde de Tarouca, e D. Joaõ Soares com suas familias em hum navio Amburguez; os mais no bargantim, com tençaõ de se introduzirem fóra da barra no navio em que hiaõ os dous referidos, ou em outro que levava consigo; despois de todos embarcados lhes faltou o vento antes de sahirem de S. Giaõ. Vendo-se neste aperto avizou o Conde de Tarouca aos do bargantim, que o esperassem, para que juntos corresse a mesma fortuna: deraõ elles varias, e frivolas excusas, e receando o damno, que tinhaõ por infallivel, sahiraõ no bargantim, que necessitava de menos vento, que os navios, e deixando ao Conde, e a D. Joaõ Soares em taõ perigosa contingencia, receando menos as ondas, que a justiça, navegáraõ com vento prospero, que os levou seguros a Aya-Monte. Os dous navios crescendo o vento sahiraõ da barra, e o Conde e D. Joaõ Soares chegando á vista de Cádiz, tomando o pretexto de examinar a Armada de Castella, quize-

Checaõ os primeiros a Aya Monte.

quizerão entrar naquelle porto. O Mestre Amburguez não quiz obedecer-lhes respondendo, que não era aquella a sua derrota, e continuou a viagem: encontrando este accidente, foy preciso a estes Fidalgos descobrirem aos seus criados a sua determinação, para que unidos obrigassem ao Amburguez a surgir em Gibraltar, porto da Coroa de Castella, que lhes ficava mais vizinho: assim se executou, e cedendo o Amburguez á força que lhe fizeraõ entrou em Gibraltar, onde saltaraõ em terra. O Amburguez tanto que se vio livre do perigo deo á véla para Lisboa, trazendo consigo alguns Portuguezes, e parte do fato do Conde, e de D. Joaõ Soares; o outro navio não sendo admittido em Tangere, voltou tambem para Lisboa. Juntaraõ-se em Sevilha, para onde partiraõ o Conde de Tarouca, e D. Joaõ Soares com outros Fidalgos: passaraõ a Madrid, onde foraõ recebidos com todas aquellas demonstraçoens que pedia a resolução, que tomaraõ em offensa da Coroa de Portugal, e beneficio do partido de Castella. De pressa acharaõ o castigo no desengano; porque julgando a poucos lances a Portugal rendido, examinaõ nas debeis forças de Castella, que seria muito difficuitosa a restituição das suas casas, de que nunca tiveraõ recompenta. Logo que estes Fidalgos se passaraõ para Castella constou a El Rey, que Frey Manoel de Macedo fora medianeiro da cega determinação, que tomaraõ; mandou prendello, e depois de alguns annos o embarcaraõ para a India, e acabou a vida em Angola arrependido da sua teme idade. Tanto que se divulgou pelo Povo de Lisboa o successo referido, levado do fervor a que se incita sem discurso este monstro cego, costumando a encarecer com desconcertos os seus affectos, unido no Terreiro do Paço, e nas mais ruas da Cidade, determinou castigar nos Fidalgos, que ficaraõ, o delicto dos que fugiraõ, não se lembrando de que poucos dias antes haviaõ sido Authores da fortuna, que celebravaõ, e da liberdade que defendiaõ. Atalhou El Rey este pr meiro impulso chegando á janella, e mandando a Martim Affonso de Mello, que dissesse da sua parte ao Povo, que nenhum delinquente ficaria sem castigo. Dividio-se com esta segurança, e amanhecerão

Anno

1641.

Entraõ os segundosem Gibraltar

Chegaõ todos á Madrid.

Prizaõ de Frey Manoel de Macedo.

Altera-se o Povo de Lisboa.

Anno

1641.

*Diligências com
que se aplacou
esta alteração.*

*Prisão da Mar-
queza de Mon-
talvão.*

*Passão-se a Ca-
stella D. Francis-
co de Menezes, e
Pedro Gomes de
Abreu.*

papeis nas portas da Cidade, nos quaes punhaõ preceito a todos os Fidalgos, que dentro em poucos dias queimassem as carroças em que andavaõ, (desconcertado effeito, considerada a causa com que se alteraraõ) aos Fidalgos que encontravaõ pelas ruas: obrigavaõ a acclamar ElRey, e a dizer que morressem os traidores. ElRey mandou publicar papeis, nos quaes dizia, que aquelles que fomentassem a guerra civil (consequencia do movimento presente) dariaõ o melhor soccorro a Castella, e que nesta consideraçãõ, da maior conformidade era do que se daria por melhor servido, para que se naõ perturbasse a direcçãõ das materias, e para que se encaminhasssem todas as disposições a se defender o Reino, que restauraraõ. Estas razoes repetiaõ por ordem d'ElRey no pulpito os Prégadores, e desta frase uzavaõ o Juiz, e pelloas mais respeitadas do Povo, resultando de todas estas diligencias aplacar-se o movimento. Entendeo-se que a Marqueza de Montalvão tivera noticia da fugida de seus filhos D. Pedro, e D. Jeronimo Mascarenhas, mandou-lhe ElRey pôr guardas em sua casa, e foraõ os seus criados presos; os quaes examinados, e naõ lhes achando culpa, tornaraõ a soltar: porém a Marqueza, constando que aos indicios accrescentava palavras demaziadas contra o decóro Real, foy remettida preza ao Castello de Arrayolos; molestia de que a livrou dentro de pouco tempo seu filho D. Fernando Mascarenhas; chegando do Brasil. Tambem foy preso Lourenço da Silva, e sua mulher, e soltos passado algum tempo, por constar que ignoraraõ a resoluçãõ de seu filho Luiz da Silva. Os máos exemplos sempre achaõ quem os imite, seguiraõ o dos que se passaraõ a Castella D. Francisco de Menezes, que chamavaõ o Barrabás, e Pedro Gomes de Abreu senhor de Regalados, aquelle assistia em Pença de que era Alcaide mór, este no seu Lugar, e ambos deixaraõ a fazenda, e socego de suas casas pela incerteza do premio d'ElRey de Castella, que nunca conseguiraõ: D. Francisco passou só com hum criado, Pedro Gomes com toda a sua familia. O Procurador da Coroa requereõ, que fossem citados por éditos todos os que se passaraõ a Castella: assim se executou, e depois das

das diligencias ordinarias, forão declarados por offensores da Magestade, e confiscados seos bens.

Estabelecido ElRey D. Joaõ na posse do Reino, faltava-lhe para o lograr, como seos antepassados, ser obedecido nas dilatadas Conquistas, que domina Portugal. Imperio taõ celebre por todas as circumstancias, como qualifica a luz do maior Planeta, conduzido do valor dos Portuguezes de hum a outro hemisferio, para que igualmente fertilize todo o mundo. A Cidade do Funchal na Ilha da Madeira foy exemplo a todas as outras Conquistas, como ja em outro seculo havia sido a primeira em se manifestar aos olhos dos Portuguezes, quando deraõ principio a todas aquellas, que gloriosamente conseguiraõ. Chegou á Ilha hum navio de Lisboa com cartas d'ElRey para o Governador Luiz de Miranda Henriques, e para o Bispo D. Jeronymo Fernando, nas quaes lhes fazia avzio, que ficava em pacifica posse do Reino de Portugal, e que esperava igual obediencia da sua fidelidade. Acreditaraõ os dous esta fe naõ dilatando a execuçaõ de acclamar ElRey em toda a Ilha, e concordaraõ todos os moradores della em seguir a mesma voz. Os Castelhanos que presidiavaõ a Fortaleza a entregaraõ sem resistencia, e divididos pela Ilha aguardaraõ commodidade para passar a Canarias, a qual brevemente conseguiraõ. A nova da acclamaçaõ mandou Luiz de Miranda a Martim Mendes de Vasconcellos Governador da Ilha do Porto Santo: recebeu-a com o mesmo applauso, e succedendo ao contentamento mandar disparar algumas peças de artilharia, utilizou o favor divino a demonstraçaõ, porque surgindo doze navios de Turcos no porto principal, dando grande incommodidade á Ilha, a largaraõ por este respeito, entendendo que procedia o estrondo das peças de causa mais relevante contra o seu designio. Passou a noticia a Ilha de S. Miguel, que com igual demonstraçaõ seguiu o exemplo das duas. Forão as finezas pelo novo Principe por mais custosas de maior gloria aos moradores da Ilha Terceira, pois grangearaõ exaltar a fe Portugueza pelos fios das espadas da contumacia Castelhana. Julgava ElRey a empreza difficiltoza, por ser a Fortaleza da Cidade de Angra huma das me-

Anno

1641.

São condẽnados por traidores os que se passaraõ a Castella.

Acclama-se El-Rey na Ilha da Madeira.

Segue o mesmo exemplo a de Porto Santo, e a de S. Miguel.

Anno
1641.

*Manda El Rey
à Ilha Terceira
Francisco de Or-
nellas.*

lhores de Europa, e se achar nella Governador D. Alvaro de Viveiros, soldado de reputação, com hum grosso presidio de Infantaria, e ser o sitio da Fortaleza tão superior á Cidade, que podiaõ jogar contra ella cem peças de artilharia, que guarneciaõ a muralha, sem achar reparo algum, parecendo impossivel que os moradores, ainda que se resolvessem a seguir a voz do Reino, sem outro socorro tomassem a resolução de atacar a Fortaleza, nem que deliberando se podessem entrar na esperança de rendella. Porém considerando El Rey, que sempre se devem tentar as empresas de que não resulta damno com o máo successo, chamou Francisco de Ornellas da Camera, que assistia em Lisboa, natural da mesma Ilha, das principais familias della, e Capitão mór da Villa da Praia, aparentado com as pessoas de maior qualidade, de conhecido valor, e por todos os requisitos o foygeito mais adequado para esta empresa; recõmendou-lha com as palavras; e promessas de que os Reys sabem uzar quando necessitaõ dos Vassallos, e de que muitas vezes se esquecem depois de conseguida a idéa, que fabricaraõ.

A dezasete de Dezembro partio Francisco de Ornellas de Lisboa, a sete de Janeiro chegou á Ilha Terceira, foy ancorar ao porto da Villa da Praia, desembarcou de noute, sem mais companhia, que a de vinte barris de polvora, e levando só em si o legredo de que tanto dependia a felicidade do successo daquella empresa; conseguiu no acerto dos primeiros passos a maior parte do intento que levava. Sem fazer dilação caminhou para a Cidade de Angra tres legoas distante da Villa da Praia. Tanto que chegou á Cidade buscou seu cunhado Joã de Betancor Capitão mór della, e entregou-lhe huma carta, que lhe trazia d'El Rey; deo-lhe conta de tudo o que havia passado em Lisboa, e sem resistencia o achou seu parcial: mas reconhecendo em outros de que fez a mesma confiança, diferente opiniaõ, mudou com elles as guardas á linguagem, porque não perigasse o thesouro da fidelidade que encobria. Teve noticia D. Alvaro de Viveiros de ser chegado Francisco de Ornellas, e confusamente soube que a sua jornada dissimulava maquina grande; mandou chama-
malo,

malo, e vendo que com varios pretextos se excusava de entrar na Fortaleza, lhe creceo a suspeita, e a este passo adiantou a cautella. Lançou voz que os Francezes, e Holandezes vinhaõ entrepender a Fortaleza, e com este receio supposto a começou a municionar, e bastecer na melhor fórma que lhe foy possível, embaraçando-lhe esta determinação as diligencias, e destrezas de Francisco de Ornellas; o qual vendo que em Angra perigava a sua pessoa, e nella toda a empreza se passou á Villa da Praia, e discursando que com a dilação cresciaõ muitos inconvenientes, achando dispostos os animos principaes das pessoas da Villa a acclamar nella El Rey D. Joaõ, deo á execução o intento, e os moradores, tirada a mascara da dissimulação, não perdoaraõ a demonstração alguma de alegria, e com toda a diligencia mandáraõ notificar aos Officiaes da Camera de Angra que seguissem a mesma voz. Quasi todos elles estavaõ desta opiniaõ; e foraõ buscando os meios mais proporcionados para se livrar das mãos de D. Alvaro de Viveiros, o qual tentando differentes caminhos determinava prender o maior numero de pessoas principaes da Cidade que lhe fosse possível: logrou só o seu designio em Fr. Joaõ da Purificação Prior do Convento de Santo Agostinho, e em Estevão da Silveira, que da parte de Francisco de Ornellas o foraõ persuadir que rendesse a Fortaleza a El Rey D. Joaõ, dizendo-lhe, que da sua grandeza receberia grandes mercês, e que para lhas segurar trazia poderes Francisco de Ornellas. Respondeo D. Alvaro á proposta com a reclusão dos Embaixadores, e antes que na Cidade se soubesse a sua resolução, mandou recado a Antonio do Canto de Castro, para que viesse dar-lhe conta de huma pendencia que a noute antecedente havia tido com a Ronda. Levava ordem hum Sargento, a que o acompanhavaõ dez soldados, para que, duvidando elle de obedecer, o prendessem. Achava se Antonio do Canto junto a hum Corpo da guarda de huma companhia Portugueza, que costumava occupar aquelle posto, e conhecendo o intento para que era chamado, quiz excusar-se de obedecer á ordem, e o Sargento prendendo-o determinou dálla á execução: tirou Antonio do Canto pela espada para se defender, e puzeraõ-se

Anno

1641.

Acclama-se El Rey na Villa de Praia.

Diligencias de D. Alvaro de Viveiros.

Primeira revolta entre os Portuguezes, e Castelhanos.

138 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno
1641.*Retiraõ-se os
Castelhanos, he
ElRey acclama-
do na Cidade.**Entra Francis-
co de Ornellas
com o soccorro.
Dispoem a de-
fensa da Cida-
de.*

zeraõ-se os soldados Portuguezes da sua parte, dispararaõ os Castelhanos os arcabuzes, e feriraõ dous Portuguezes, acodio quantidade de gente do Povo, e tendo ja os animos taõ dispostos, que necessitavaõ de menos incentivos, gritáraõ todos: *Liberdade, Viva ElRey D. Joaõ.* Com o fervor destas vozes carregaraõ aos Castelhanos (que com o rumor haviaõ crecido a maior numero) até o primeiro corpo da guarda, que occupavaõ fóra da Fortaleza. Aco- dio o Capitaõ mór mais para incitar os animos que para dividir a pendencia, e sahio acompanhado da gente que na Cidade era capaz de tomar armas. Todos opprimiraõ de sorte aos Castelhanos, que os obrigaraõ a largar o Corpo da guarda da Porta, que chamavaõ do mar, e ganharaõ juntamente o Porto da Boa Nova, que fica debaixo da Forta- leza. D. Alvaro de Viveiros parecendo-lhe que com o es- trondo da artilharia poderia divertir o tumulto, fez dispa- rar tres peças que havia mandado aplestar contra a Cidade: foy a ruina menor do que o perigo que os moradores antes da execuçaõ haviaõ imaginado, e attribuindo pela falta de experiencia militar a milagre o pequeno effeito da arti- lharia, acharaõ estimulo no remedio que D. Alvaro inven- tou para socego. Vendo D. Alvaro que naõ correspondera o successo ao intento, quiz temperar com o lenitivo o achaque, que havia aggravado com a bebida rigorosa: mandou propôr ao Capitaõ mór meios de accommodamen- to, a que o Capitaõ respondeo que estava determinado a acabar a guerra a que elle dera principio. Francisco de Ornellas ouvio na Villa da Praia o estrondo da artilharia, no mesmo instante se poz em marcha com mil e quinhentos Infantes que tinha prevenido, e as duas horas depois da meia noute chegou a Cidade: achou os moradores pe- lejando, as bocas das ruas tapadas, e a polvora mudada para o Collegio dos Padres da Companhia, por ser a parte em que costumava estar, exposta as bateias da Fortaleza. Repartio-se o novo soccorro pelas trincheiras, e ficando melhor guarnecidas, se levantaraõ mais, fazendo-as de- fensaveis em poucas horas. No dia seguinte avancaraõ os Castelhanos duas mangas de Mosqueteiros, e introduzin- do-as por huns quintaes, e casas que lhe ficavaõ vizinhos,

de:

derão algumas cargas com pouco effeito; foraõ os Castelhanos rechaçados, e guarnecido aquelle posto. De pressa se satisfizeraõ os Portuguezes da sahida; porque fazendo o Capitaõ mór tirar com huma peça de duas libras. foy dar a bala na trincheira contraria: o pouco exercicio da guerra occasionou alvoroço nos soldados, ao alvoroço se seguiu o impulso, ao impulso a execuçaõ; avançáraõ ás trincheiras sem ordem, e com grande valor fizeraõ recolher os Castelhanos á Fortaleza, desamparando de todo as trincheiras, e ficáraõ mortos seis Portuguezes, e quinze feridos. Ganháraõ no dia seguinte o Forte de S. Sebastiaõ, em que os Castelhanos tinhaõ hum Capitaõ com vinte e cinco soldados: acháraõ doze peças de artilharia encravadas, prevençaõ dos Castelhanos, conhecendo que não podiaõ defender o Forte, nem retirar a artilharia. O bom successo, e o pouco damno que as balas faziaõ na Cidade, animou os moradores, muito dignos de grande louvor por se arrojamem a huma empreza que parecia quasi impossivel, abraçando a sem disciplina, sem dinheiro, sem instrumentos de expugnaçaõ, e com poucas muniçoens, e conseguindo a sem mais soccorro que o da sua constancia. He a Fortaleza huma das melhores de Europa, como fica dito, occupa quasi huma legoa: pela parte do mar he inexpugnavel, pela da terra se acha em pouca distancia muito bem fortificada, tem dentro agua nativa, e huma grande cisterna, terras em que se semeaõ vinte moios de trigo, algumas vinhas, e pomares: achava-se com quinhentos Infantes de guarniçaõ, mantimentos, e muniçoens para mais de hum anno, cem peças de artilharia montadas: durou o sitio quatorze mezes, acodindo a elle alguma gente das Ilhas vizinhas. E como esta materia referida neste lugar excede a ordem que determino seguir nesta historia, referirey brevemente todo o successo, e este mesmo estylo observarey em todos os casos que foraõ effeitos da acclamaçaõ, por não interromper o fio que heide seguir, sendo todo o meu cuidado nesta obra evitar a confusaõ aos que a lerem.

Logo que em Castella se soube da acclamaçaõ, se despediraõ de Sevilha, e S. Lucar varios avizos, e soccorros

Anno
1641.

Ganhão os Portuguezes o Forte de S. Sebastião.

Descripção da Fortaleza.

Soccorro dos Castelhanos mal logrado.

Anno
1641.

*Elege El Rey de
Castella Ma-
noel do Canto
de Castro.*

*Entrega Ma-
noel do Canto
o soccorro.*

corros a D. Alvaro de Viveiros com taõ infelice successo dos sitiados, que todos cahiraõ nas mãos dos expugnadores. Foy mais consideravel o que conduzio Manoel do Canto de Castro irmaõ de Antonio do Canto. Assitia em Madrid no tempo em que chegáraõ cartas a El Rey Catholico das pessoas principaes da Ilha, nas quaes lhe seguravaõ a sua fidelidade: deõtra dissimulaçaõ para dilatar os soccorros da Fortaleza. Julgou El Rey que era o melhor meio de mostrar a sua confiança com aquelles que ainda suppunha seus vassallos, eger por Cabo de tres navios em que mandava Infantaria, muniçoens, e bastimentos, a Manoel do Canto, por ser natural da mesma Ilha, e muito aparentado nella: propoz-se-lhe a jornada, e logo aceitou a commissaõ, vendo aberto o caminho da sua liberdade. E deixo de ponderar esta sua resoluçaõ, porque nas acçoens semelhantes costumaõ ser mais rectos Juizes os contrarios, que os interessados. Chegou Manoel do Canto á Ilha a salvamento, e prevalecendo no seu animo contra todas as duvidas o amor da Patria, mandou aos Capitaens das duas fragatas da sua conserva, que distante da terra aguardassem avizo seu. Chegou ao porto, e sendo reconhecido de alguns barcos da Ilha, mandou dar conta ao Capitaõ mór da sua deliberaçaõ, que era de entregar aquelle navio, e procurar render os dous. Vieraõ de terra quantidade de barcos com Infantaria, introduzio-se facilmente em o navio, e fizeraõ prisioneiros os Castelhanos que vinhaõ nelle, ficando guarnecido de soldados Portuguezes. Avizou logo Manoel do Canto aos outros dous navios, que podia entrar no porto sem receio; obedeceraõ, e em pouco espaço foraõ rendidos do navio de Manoel do Canto, e barcos da terra. Esta desgraça viraõ os sitiados em grande prejuizo da sua confiança: para a perderem de poder avizar a Castella do aperto que padeciaõ, lhe tiráraõ os Portuguezes huma caravela de terra onde estava varada, que pela defenõsa da Mosquetaria da Fortaleza julgavaõ segura. Naõ tiveraõ melhor successo, que os tres navios, dous Inglezes, de que era Cabo D. Luiz Peres de Viveiros irmaõ de D. Alvaro: embarcou na Curunha com gente, e bastimentos, chegou á vista da Ilha, foy reconhecido de Manoel

Manoel Correa de Mello, que com os tres navios referidos, e dous Hollandezes, que voluntariamente quizerão assistir nesta empreza, tinha a seu cargo divertir todos os soccorros, que viessem aos sitiados: receozo D. Luiz dos navios Hollandezes, com quem os Inglezes não querião pelejar, e suppondo os tres da mesma conserva, se resolveo a entregar a gente que trazia aos da Ilha antes, que aos Hollandezes. Buscou o porto, lançou a gente em terra, acodio Francisco de Ornellas, e sem difficuldade fez todos os Castelhanos prisioneiros, alcançando muitas munições, e mantimentos. Correrão a mesma fortuna outros dous navios, hum mandado de Flandes pelo Cardial Infante D. Fernando, outro de Sevilha, ambos se renderão: o de Sevilha a Manoel Correa de Mello, o de Flandes na Ilha de S. Miguel. Por todas as partes era grande o aperto dos sitiados; porque os Portuguezes lhes haviaõ tirado todos os meios de augmentar com fortidas os bastimentos, levantando huma grossa trincheira descoartinada por alguns fortins, que fabricaraõ, desprezando o perigo de muitas balas. Não logrãõ os sitiados, em todo o tempo que durou o sitio, mais que hum bom successo, occasionado do descuido dos Portuguezes. Succedeo em huma sahida, em a qual matareaõ dezasete, e feriraõ trinta: porque na confiança dos muitos dias, que lhes durava o socego, se deitaraõ a dormir ao meio dia, sem a vigilancia, e sentinellas necessarias: reconhecerãõ os Castelhanos este descuido, avançaraõ ás trincheiras, e fizeraõ o damno referido. Origininou se deste successo motinar se o Povo contra o Capitaõ mór, e Francisco de Ornellas, pondo-lhes a culpa da desordem succedida: socego se esta alteraçãõ por industria, e diligencia de Manoel Correa de Mello. D. Alvaro de Viveiros não achando ja remedios a que recorrer, usou dos que costuma descobrir a ultima desesperaçãõ: fez fabricar na Fortaleza hum pequeno barco, meteo-lhe dentro hum Capitaõ, e dez soldados, com os poucos bastimentos, que podia carregar taõ pequena embarcaçãõ; escreveo a El Rey Catholico a extremidade em que se achava, de que só o podia livrar hum grande soccorro: antes do barco se acabar fugio da Fortaleza hum escravo para

Anno

1641.

Perde-se o segundo soccorro.

Rendem-se outros dous navios de Castella

Sortida dos Sitiados.

Anno

1641.

Perdem os Castelhanos hum barco de avizo

Manda El Rey com ordens o P. Francisco Cabral.

Rende-se a Fortaleza o mesmo dia em que se havia perdido.

Entra o presidio Portuguez.

para a Cidade, que deo noticia desta obra; mandou Francisco de Ornellas ter grande vigilancia, e como nunca á boa diligencia costuma faltar a felicidade, despedindo D. Alvaro o barco, e tendo navegado pouco espaço, foy colhido dos bateis, que o esperavaõ; e postos na trincheira os prisioneiros, introduziraõ a ultima desesperaçãõ aos sitiados. Em Lisboa não havia mais noticia dos successos da Ilha, que terem acclamado a El Rey os moradores da Villa da Praia, tomando os Mouros na barra os avizos que Francisco de Ornellas tinha remettido. Nesta perplexidade se resolveo El Rey mandar á Ilha ao Padre Francisco Cabral da Companhia de JESUS, para que com titulo de Visitador da sua Religiaõ desembarcasse na Villa da Praia, e introduzisse nella algumas muniçoens que levava: entregou-lhe firmas, e poderes para segurar mercês, e uzar das firmas, havendo accidente que o pedisse. Chegou á Ilha em breves dias, e como não achou que vencer nos animos dos moradores, empregou os poderes na constancia de D. Alvaro de Viveiros. Avistou-se com elle algumas vezes, prometteo-lhe da parte d'El Rey grandes merces: porém em todas as conferencias achou nelle firme resoluçãõ de antepôr o credito ao perigo. Mas passados alguns dias, foy a fome, e desesperaçãõ do soccorro rhetorica mais poderosa; porque achando-se D. Alvaro depois de quatorze mezes sem mantimentos, nem esperança do soccorro, rendeo a Fortaleza segunda feira 16. de Março de 1642, dia em que outro D. Alvaro Marquez de Santa Cruz, sessenta annos antes, a havia ganhado aos Portuguezes, termo prescripto da vontade Divina para recompensa de todos os damnos occasionados em Portugal pelo rigor do governo de Castella. Sahio D. Alvaro com todas as honras que satisfazem aos rendidos, muito semelhantes as da sepultura, que excusara o cadaver a que se dedicaõ: porém em D. Alvaro, se houve desgraça, não houve culpa defendendo a Fortaleza até chegar a ultima extremidade. Introduzio-se o presidio Portuguez, que governava Joã de Betancor, entregando se da Fortaleza até segunda ordem d'El Rey. Os Castelhanos ficaraõ aquartelados na Cidade, e brevemente conseguiraõ embarcaçoens